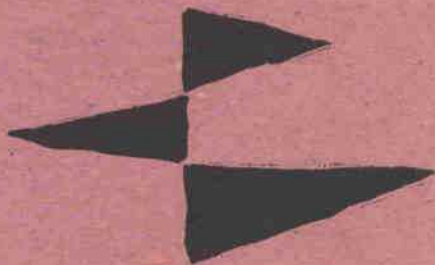


PRESENCIA



Fundação Cuidar o Futuro

14



Fundação Cuidar o Futuro

AGO. 1956

presença



PUBLICAÇÃO BIMESTRAL DA J.U.C.F.
FILIADA NA PAX ROMANA

SUMÁRIO

Poesia

Desperdício

Amar as dimensões do mundo

Xadrez

...E serão dois numa só carne...

Em busca do Desconhecido...

Proletariado

A palavra da Igreja

Da «teoria» à prática

Pax Romana informa...

No mundo do cinema

Vitral

Presença artística

O jongleur de estrelas e o seu jogo

*O jongleur de estrelas tem os pés de barro
Tem as mãos de cinza...*

*Sobre os pés de barro salta no infinito,
Com as mãos de cinza movimentando os astros.*

*O jongleur de estrelas tem os olhos fixos,
Mas em todo o corpo nervos dinâmicos.*

*Seus nervos dispersos dão um acorde único...
Não! Seus olhos fixos é que olham mil pistas.*

*O jongleur de estrelas é mentira!: mente
Na retina fosca dos que julgam vê-lo.*

*O jongleur de estrelas não se vê de fora,
Por ser demais belo!*

*Ora um dia, o dedo do Senhor, clemente,
Tocar-lhe-á, misericordiosamente.*

*E o jongleur de estrelas há de desfazer-se
Sobre os pés de barro, sobre as mãos de cinza.*

*Do jongleur de estrelas restam as estrelas.
E outros brincarão com elas!*

José Régio — (em «As Encruzilhadas de Deus»)

DESPERDÍCIO

Não olhamos à volta de nós, e por isso tudo nos parece igual. Seguem-se os segundos aos segundos, os minutos aos minutos, as horas às horas, e os nossos gestos repetem-se com enervante monotonia.

Monotonia que, aliás, se não dobra com lentidão, antes se desbobina em ritmo fatigantemente acelerado.

A tragédia do homem moderno reside, porém, no facto de que os dois tempos deste compasso binário em que vive, o «agora» e o «lógico», incessantemente se justapõem sem lhe deixar livre aquela pausa que o faria olhar à volta de si para reconhecer que afinal os seres e as coisas estão ricos de variedade.

Inproveitados, vão ficando para trás os tesouros múltiplos que Deus em cada dia manda à terra: a folha tenra que mais uma Primavera trouxe consigo, um recorte de nuvem, o cheiro doce do feno pisado . . .

E valerá ainda a pena olhar? — perguntam os homens que se habituaram a tudo, até a viver sem olhar, a repetirem-se, mecânicos e articulados que são.

Avarentos da fracção de segundo

que pode representar uma cifra a mais ou a menos no grande total da produção, desperdiçam sem lhe saber o valor (eles, que são os peritos em calcular!) tudo aquilo que de certo faria a sua riqueza mais preciosa.

Valerá ainda a pena olhar? — duvidam.

Entretanto os segundos seguiram-se aos segundos, os minutos aos minutos, às horas sucederam as horas, os dias mudaram-se noutros dias, somaram-se em meses, em anos . . . E os homens, habituados a tudo, impermeabilizaram-se à Beleza e ao Amor.

Por isso envelheceram, curvados sobre os seus cálculos, sobre os seus planos, sobre os seus esquemas rígidos.

Se das palavras que desperdiçámos e não serviram, teremos de prestar contas estreitas, hão-de igualmente alinhar-se umas sob as outras as parcelas da glória que não chegou a ser dada ao Criador, a Quem a ficámos devendo.

Só porque não olhámos à volta de nós! . . .

Amar às dimensões do mundo

Na sua acção poderosa junto das crianças e dos jovens o educador de hoje encontra-se de tal modo solicitado pela urgência de certas tarefas, que frequentemente se vê obrigado a debruçar-se sobre o estudo e a orientação de determinados aspectos da educação, pondo de lado outros, que lhe parecem menos ligados ao imediato. Assim tem sucedido com a educação do sentido internacional. Sabemos bem como a maior parte dos educadores, por razões até certo ponto compreensíveis, se preocupa, por exemplo, com a orientação profissional, a educação sexual, a formação social, etc. dos educandos, enquanto relega para um plano muito secundário ou até despreza por completo, a formação em ordem à comunidade internacional.

Não se pense, porém, que ao falarmos deste aspecto da educação, temos em vista algo que é preciso acrescentar aos princípios educacionais estabelecidos; trata-se, antes, de um espírito que importa despertar, intensificar na comunicação e vivência dessas normas que devem regular as relações de cada um com os outros.

Dar o sentido internacional é, essencialmente, reavivar o amor pelos outros homens, pelos que vivem para além do nosso círculo de convivência, pelos que não falam talvez a mesma língua, pelos que não se movem dentro dos mesmos horizontes e não partilham, acaso, da mesma maneira de pensar.

Esse sentimento de amor é, sem dúvida, uma exigência dos homens de todos os tem-

pos. Contudo se durante séculos o afastamento dos povos e as escassas ou nulas relações entre os diversos países condenaram esse amor a permanecer, na maioria dos casos, platónico, o mesmo não pode, não deve acontecer nos nossos dias. Hoje, quando os contactos entre os homens das várias nações se tornaram fáceis e frequentes, quando o conhecimento de todas se tornou mais real, incorremos em culpa se não dermos a esse sentimento de sempre, uma concretização, através dos pormenores cotidianos da vida.

Encarada nesta perspectiva de amor do próximo (e neste sentido toda a humanidade nos é próxima...) a formação internacional surge como um dos deveres fundamentais do educador em face de quantos lhe foram confiados. E, como é óbvio, essa formação não incide apenas numa ou noutra fase da vida; deve antes acompanhar a longa evolução da criança e do adolescente, encontrando embora, nalgumas fases mais do que noutras, condições especialmente favoráveis de rendimento, a que, seguidamente, nos vamos referir. Não esqueçamos, porém, que tal como dissemos um dia a respeito da formação social, a educação do sentido internacional cabe, em grande parte, tanto à Família como à Escola.

* * *

Na estruturação do sentido internacional a afectividade ocupa um lugar preponderante. A simpatia instintiva que deve unir

o homem ao Universo e que a princípio se centraliza sobre o seu próprio eu, desenvolve-se pouco a pouco na sua verdadeira direcção, à medida que cada pessoa sai do seu egotismo original e se sente vincular ao ambiente e aos outros seres que a cercam.

É por esta razão que a 2.^a infância — idade eminentemente afectiva — surge na educação da criança como a fase mais propícia para que o educador lance a primeira pedra na sua formação social. Essa formação há-de galgar progressivamente horizontes mais vastos, à medida que o seu conhecimento do mundo e dos outros se tornar maior.

A célula familiar desempenha nesse período infantil um papel fundamental e decisivo: se ela encerra um clima favorável do ponto de vista afectivo, fará a criança que aí vive, crescer em compreensão e amor perante os que a rodeiam e, assim, preparar-se para testemunhar o mesmo amor e uma compreensão idêntica a todos os elementos novos que se forem integrando no seu universo. Na verdade, esta é a semente donde há-de crescer, mais tarde, o autêntico sentido internacional.

À família compete habituar a criança a viver em pequenos grupos, constituídos sob a sua orientação, onde a própria criança ou, mais tarde, o jovem, encontre experimentalmente a necessidade de harmonia e de bom entendimento, a necessidade de cooperação entre os membros do mesmo grupo ou de grupos diferentes. A experiência revela-nos que, em certos casos, muitos fracassam ou decepcionam-se, quando adultos, nos seus contactos com o estrangeiro, porque lhes faltou esta preparação com raízes na infância. De facto, o «espírito de convivência internacional» não depende do maior ou menor número de passagens para além das fronteiras nacionais, mas duma preparação que deve ter o seu começo «em casa» e a sua efectiva-

ção em todos os momentos oportunos, a partir do período infantil. A este respeito não podemos deixar de nos referir às deficiências de muitos educadores, nomeadamente pais, que, talvez sem o notarem, vão através das suas opiniões, comentários acerca de notícias ou acontecimentos relacionados com outros povos, levantando à criança ou jovem que os escuta, fortes obstáculos para uma justa compreensão dos que não pertencem ao seu país. Impõe-se, pois, que o educador saiba evitar as críticas superficiais, o ostracismo hostil contra outros meios e outras raças e leve, antes, a criança ou o jovem a descobrir as diferenças entre os homens e a reconhecer o valor incomparável dessa variedade.

Importa também que a família dê aos que educa, oportunidade de descobrirem o ponto de vista dos outros, ocasiões de se subordinarem a uma tarefa maior do que os seus próprios impulsos, e crie uma atmosfera onde seja possível o desenvolvimento de generosidade que desponta na criança e floresce no jovem. Embora dando a conhecer que nem todos os homens são movidos por sentimentos honestos e desinteressados (condição para que o jovem não venha um dia a sofrer desilusões...), deverá a família ajudá-lo a construir o ideal dum mundo melhor, sobretudo dando-lhe uma visão do conjunto humano e destacando a projecção que, nesse todo, poderá ter a parcela de Bem ou de Mal, que der tom à sua própria vida de cada momento.

Por outro lado, importa ainda que a família crie centros de interesse que levem progressivamente a um conhecimento mais vasto dos outros povos e a um amor maior por todos. Os meios de que os pais dispõem para esse fim, são vários — interessa descobri-los e aproveitá-los: porque não escolhem, em lugar de contos de pura invenção com que entretêm os filhos ainda pequenos, histórias e lendas que dêem a conhecer a esses espíritos ávidos de novidade, o valor dos costumes, dos feitos gran-



diosos, etc., dum ou outro povo? Porque não utilizam gravuras, quadros que despertem na criança o interesse pela beleza da paisagem, pelos hábitos de vida doutros países? Porque não aproveitam o gosto infantil de coleccionar estampas e recortes de jornais e revistas, para o canalizar no sentido do apreço por tudo o que vale a pena e não pertence à sua pátria?

Não esqueçamos, porém, que do educador é exigido um equilíbrio constante, uma forte convicção; de contrário, bastará um meio-sorriso de depreciação, uma simples palavra de troça, perante uma gravura, um episódio do estrangeiro, para pôr uma dúvida ou causar uma impressão que, quem sabe, talvez tarde ou nunca se dissipará.

Semelhantes sugestões e observações podemos fazer acerca dos adolescentes e da orientação que à família compete dar-lhes. Seria a maior conveniência que, a par da preocupação de formar os jovens através dos centros de interesse atrás sugeridos ou de outros recomendáveis houvesse da parte dos pais uma intenção de proporcionar aos filhos, na medida do possível, contactos com o estrangeiro: por exemplo, recebendo no próprio lar a visita dum estrangeiro, um estudante refugiado, etc. Seria essa uma boa ocasião para os novos ouvirem falar dum país que não é o seu, numa atmosfera de amizade. Ainda que esses encontros fossem breves — uma refeição em comum, um passeio, um serão, etc. — os pais poderiam aproveitar essa experiência para comentarem o facto e inculcarem nos filhos o espírito de compreensão e de amor pelos outros povos. Resultados melhores se poderão certamente obter, se esses encontros forem mais prolongados, o que acontece, por exemplo, quando durante alguns meses se recebe em casa um hóspede estrangeiro. Actualmente está a generalizar-se o intercâmbio de jovens que vão passar as férias no estrangeiro, em casa de famílias

cujas condições oferecem segurança de todos os pontos de vista.

* * *

Uma tarefa não menos importante do que a que à família cabe realizar na formação internacional das crianças e jovens, pertence à Escola.

A idade em que a criança entra na escola é assinalada psicologicamente por uma crescente sociabilização, que proporciona ao educador um clima, de certo modo favorável, ao desenvolvimento do «sentido dos outros», a que a criança devidamente orientada, saberá mais tarde atribuir as dimensões do mundo. Mas para isso, torna-se necessário que o professor a leve a viver em amizade com os seus colegas, antes da criança procurar viver em amizade com o mundo inteiro. Ao professor compete levar os alunos a admitirem as opiniões uns dos outros, a tentarem compreender os seus actos, a saberem perdoar as ofensas, as faltas... Será absurdo querer «entrar em uníssono com as harmonias dispares do mundo», se não houver a experiência, o treino do acordo com o próximo mais próximo.

Para isto conseguir, o professor terá de lançar mão de todos os meios bons ao seu alcance e que podem ser um apelo à consciência da criança ou do jovem, a cada passo, que há «o outro» que pensa, sente e vive dum modo diferente do seu, «o outro» que longe ou perto dispense esforços, de que o próprio jovem aproveita, ainda que só raramente disso se aperceba. É preciso levar o jovem a convencer-se de que ele não é mais audaz, mais inteligente, etc., do que todos os outros, ou de que o seu país dispensa os outros países, por ser o melhor de todos. Não é verdade que cabe, em grande parte, ao professor despertar nos seus alunos um autêntico espírito patriótico? Sem este, não julgamos possível

a existência dum verdadeiro sentido internacional.

Creemos, pois, de maior importância para a Escola, interessar os jovens nas actividades de outros países ou outras raças. E, para isso, não será preciso ter muitas mais iniciativas, além das que já existem. Trata-se de dar a estas uma projecção formativa, no sentido internacional. Vejamos, por exemplo, algumas das próprias matérias a ensinar: porque não se aproveitam as lições de História, de Geografia, para despertar nos novos um real interesse por esses povos e regiões que estudam, quase sempre dum modo monótono, desinteressante? Porque não se fazem as aulas de línguas vivas realmente «vivas», e não se mostra o valor verdadeiramente humano (como meio de expressão, compreensão, aproximação, serviço...) que a sua aprendizagem encerra e que ultrapassa muito para longe a lógica fria e esquemática das regras de gramática? Porque não se aproveitam outras actividades — aulas de desenho, de canto, de música, de danças, etc. — para dar a conhecer os valores artísticos dum ou outro país estrangeiro e não se parte desse conhecimento para avivar no espírito dos jovens o amor que é devido a todos, quaisquer que sejam os seus costumes e a sua raça?

É frequente afirmar-se que a juventude de hoje não se interessa por coisa alguma e poderíamos daí inferir que as sugestões acima apontadas não resultarão. Creemos, porém, que desse facto verificado, não devemos tirar tão céptica conclusão. Incumbe-nos, antes, criar centros de interesse suficientemente fortes para vencerem essa natural apatia. E, neste ponto, a Escola pode servir-se de muitos recursos: exposições de trabalhos manuais onde se ponham em evidência as características, hábitos, costumes, etc., de povos estrangeiros; colecções, albuns de turma, onde se juntem testemunhos de outros países; concursos, visitas a museus, etc.

Não queremos deixar de nos referir também a certas actividades que podem ser muito rendosas: porque não se aproveitam as habituais sessões de cinema, para dar aos estudantes uma ideia das regiões e da vida em terras longe da sua e acompanhar o filme dum breve documentário, que faça suscitar no espírito dos novos o interesse e o amor pelos seus irmãos distantes?

Porque não se estimula a correspondência (devidamente controlada é claro...) entre estudantes de escolas de países diferentes e não se procura dar a esse tipo de relações a tonalidade que raras vezes tomam? Porque não se proporciona ao estudante, através de bibliotecas escolares, a leitura de bons livros com descrições, narrativas, gravuras, etc., sobre o estrangeiro?

No campo do desporto, variadas oportunidades poderão surgir de formar os jovens, de criar neles esse «espírito internacional», libertando-os dum penetrante facciosismo que a cada passo nos surpreende, e dando-lhes, em contrapartida, o sentido da lealdade e do respeito mútuo. É autêntica valorização humana que as competições desportivas devem trazer, tanto aos que as praticam, como aos que as observam. (Neste capítulo cabe também à família um testemunho edificante, que, infelizmente, nem sempre se verifica...).

De não menos importância são as iniciativas de beneficência em proveito de estudantes, órfãos, inválidos, etc., estrangeiros, em condições especiais (uma perseguição, uma catástrofe, etc.). Quantas vezes encontramos jovens que, habitualmente à margem das preocupações e interesses dos que estão longe, sentem, a partir do conhecimento de certos factos, um alargamento de horizontes na sua generosidade e no seu amor pelos outros.

Deverá ser este também o objectivo das viagens culturais ao estrangeiro, dos contactos escolares internacionais, dos Campos de Férias internacionais, etc. Notemos, porém que, se, por um lado, muitas expe-

riências deste género têm falhado devido a certas deficiências de organização, muitas outras não terão tido a projecção possível e desejada, porque os jovens que nelas participam, não receberam nem da Escola, nem da Família, a preparação necessária.

* * *

Uma conclusão nos parece óbvia: a educação do sentido internacional das crianças e jovens depende em grande parte daqueles que têm a função de educadores e estes não saberão comunicar aos seus discípulos um sentido internacional autêntico, se não o possuírem em si próprios.

Na medida em que revelar em cada atitude um espírito aberto, imparcial, compreensivo, o educador levará os que conduzem a descobrirem a maravilhosa diversidade humana e a reconhecer o seu valor. Só quando for capaz de colocar acima de todos os condicionalismos, os valores da Verdade absoluta, da Justiça, do Amor, só quando se sentir ele mesmo responsável pela humanidade inteira — só então, como diz Rey-Herme — «il sera vraiment capable de former d'autres âmes à la véritable vie de l'Esprit, seule base authentique du sens international».

Maria Joana Mota Emiliano

Fundação Cuidar o Futuro



XADREZ

Subi, meu Deus, ao Teu altar.

Quis trazer as margaridas de Maio, deslumbradas de cor, e as minhas mãos só guardam lírios roxos...

Quis trazer os meninos de riso nos olhos e no meu colo há só meninos sem mãe...

Quis trazer a certeza duma escolha e nos meus pés tenho o jeito de todos os caminhos...

.....
Fundação Cuidar o Futuro
Fui à procura da alegria da minha juventude.

Menina dos braços cruzados, em jeito de berço, que sabes da vida?
... que espera pelo que eu lhe oferecer!

Menina das tranças caídas sem laços de fita, que sabes do amor?
... que vive nas pedras, nos homens e nas toutinegras!

Menina que comes morangos à beira da estrada, que sabes da noite?
... que sem ela o dia não teria nome!

.....
Trago de novo as minhas mãos vazias mas a dar-lhes calor este nada que é tudo — a minha esperança.

Meu Deus, estou nos degraus do teu altar e espero ...

...E serão dois numa só carne...

Naturalmente, toda a criatura humana se sente chamada ao matrimónio.

À medida que a personalidade se forma, vão-se descobrindo mundos e valores e vai-se tornando cada vez mais forte a certeza de que, para além de tudo o que temos e somos, há ainda outros mundos e valores desconhecidos.

Vivemos todos a nostalgia de alguém, de alguma coisa, de algum sonho, que venha dar sentido à nossa procura, que venha revelar-nos o que não sabemos.

Esperamos todos por D. Sebastião, «quer venha ou não». E essa espera, que é anseio e busca e inquietação, condensa afinal o profundíssimo desejo de complemento que marca o nosso destino humano.

Não vive, porém, isolada em nós essa nostalgia de amar e ser amado. Outra força íntima, não menos real, vem empregar-lhe nova e mais completa ressonância.

A vida, que em nós se movimenta e evolui sem cessar, anseia por ser transmitida. As coisas vivas que nos rodeiam falam-nos sempre duma vida natural que, sem interrogações, se perpetua, na plenitude serena dum destino cumprido. O ritmo das estações é um convite à renovação pela dádiva generosa da vida.

Também para a criatura humana a fecundidade é ontologicamente o remate normal da perfeição natural. Por isso, toda a alma humana vive uma aspiração íntima de doação, de transmissão de vida. Pode mesmo dizer-se que, depois da conservação da sua própria vida, nenhuma outra ten-

dência lhe é mais natural do que a da fecundidade.

Ora estas duas forças profundíssimas da alma—o anseio de complemento, o apelo à fecundidade — são integradas por uma única realidade, tão intensa como as forças que lhe deram origem, carregada do mistério das esferas mais íntimas do homem, cheia da riqueza da plenitude natural. A essa realidade chamamos *amor humano*.

À semelhança de Deus que cria por amor, também o homem é chamado a criar por amor. Por isso (e talvez também porque lhe quer fazer sentir o nada que sozinho pode realizar) Deus cria na alma humana as condições psicológicas necessárias a esse acto de amor.

O simbolismo da acção criadora de Deus, que o amor conjugal incarna da forma naturalmente mais completa, é o ponto de apoio de toda uma atitude humana justa perante os valores que aí entram em jogo.

No amor conjugal, o homem e a mulher estão presentes não só na individualidade que lhes é própria, mas na mais total expressão do sexo a que pertencem. É, com efeito, na união conjugal, na dádiva do amor em ordem à fecundidade, que o homem e a mulher se diferenciam duma forma mais completa. Porque põem em jogo a esfera mais íntima e de mais amplas repercussões na sua vida moral.

Assim como Deus aceita o amor da criatura e, por amor, a transforma, a actualiza, a torna fecunda para a graça, assim

uma missão do homem, no amor conjugal, é aceitar, em nome de Deus e por amor, a doação da esposa que por amor se lhe entrega.

É, na riqueza deste simbolismo, podemos encontrar a raiz deste dilema: o amor conjugal ou é caminho de santidade ou é abismo de perdição. Vivido na presença de Deus e em plena consciência dos valores supremos, que através dele se jogam, o amor conjugal é purificador e redentor. Projecta o homem na eternidade, libertando-o do peso inútil dos afectos sem finalidade. Dá-lhe a chave da sua própria salvação na receptividade perfeita duma missão que em Deus tem a sua origem.

Mas, quando quebra o vínculo que o prende a Deus e que o justifica como valor, o amor conjugal desumaniza-se. O homem que se aproxima da mulher sem crer em Deus, perde a consciência do poder participado, domina como senhor — avilta-se e escraviza. E a mulher, que se dá sem acreditar em Deus, prostitui-se sem remédio — porque nenhuma criatura era, por si só, digna de tão profundo do n.

* * *

Em virtude da tendência natural que se torna, na adolescência, um apelo crescente ao encontro com o «outro», e do próprio ambiente familiar e social que apresenta o casamento como o único caminho de valorização humana, a maior parte das raparigas julga ter vocação matrimonial.

E, por isso, mal surge uma oportunidade razoável, aceitam-na sem se interrogarem sobre o conteúdo humano do sentimento. Basta-lhes sentir amizade ou uma ilusão de amor que a presença frequente muitas vezes forja, parodiando trágicamente o próprio amor. Então, ao valor da pessoa, *daquela* pessoa, que devia ser o fulcro de todos os interesses humanos, substitui-se o gosto pela casa ou o desejo de ter filhos. Como uma e outra tendência estão profundamente inseridas na personalidade

feminina, fácil é desenvolvê-las e identificar com elas o casamento.

Se o caminho matrimonial exige da mulher um conjunto de aptidões e de qualidades que lhe são naturais, não é o facto de as possuir que determina iniludivelmente a vocação. A instituição «casamento» só ganha sentido em função da pessoa concreta que se ama. Só o encontro humano pode revelar as possibilidades últimas da instituição e dar a certeza do caminho (a menos que haja indicações extraordinárias em contrário). Negá-lo, em teoria, é ignorar o conteúdo humano do casamento. Negá-lo na prática é degradar-se.

Caracteriza-se o encontro por um encantamento, a que a presença do outro confere a força da plenitude. Tal encantamento (que, afinal, é o elemento determinante da escolha definitiva) resulta de dois factores distintos e complementares.

O primeiro factor provém do reconhecimento de que a pessoa amada tem um valor objectivo; de que há nela valores dignos de serem amados. E não se diga que basta a pessoa ser pessoa para ser digna de amor. Se isso é verdade em pura caridade, é completamente errado no amor conjugal. Qualquer outro amor é sobretudo dádiva, supõe muito no que ama; mas não tem que exigir nada, para a perfeição do sentimento, daquele que é amado. Ora o amor conjugal é mais do que dádiva — é dádiva mútua, isto é, troca de valores, bens, ideias e afectos. Sendo troca, supõe valores positivos nos dois que se amam. Tais valores dizem respeito às qualidades naturais; mas exigem, também, a adesão explícita e a vivência aprofundada da Fé. Não basta só uma identidade de pontos de vista sobre os aspectos superficiais e impessoais da vida: compromete-se, então, o sacramento na vida quotidiana, pois é impossível a medida inteira, onde a ideia que se forma da vida e dos valores é completamente diferente. Para a rapariga cristã, o matrimónio será a possibilidade de

amar a Deus melhor e a família uma sociedade constituída, por amor, para louvar a Deus na doação generosa a uma missão específica. Para o rapaz de fé tibia ou ateu, o matrimónio será a possibilidade duma felicidade muito concreta e a família será o lugar confortável, onde ele pode resolver alguns dos seus problemas pessoais mais imediatos. É a dificuldade do encontro verdadeiro está, sobretudo, aí. A educação dos filhos virá pôr, sem dúvida, novos problemas e bem difíceis. Mas, antes disso, já se jogou toda a doação matrimonial na luz ou na sombra duma atitude definida perante os valores religiosos.

É evidente que esta exigência de vida cristã deve ser entendida no seu justo lugar: plenitude duma realização humana que assenta em sólidas qualidades naturais.

Não caíamos no risco de, na busca da identidade de atitudes perante a vida, desprezarmos o fundamento natural do amor: as qualidades do carácter e da inteligência, a força de alma, a riqueza da sensibilidade, a visão equilibrada dos problemas da vida a profundidade da atitude perante os acontecimentos e as coisas. Prescindir destes valores naturais parece-me dolorosa mutilação na própria essência do amor conjugal, o amor que, sobre a terra, mais longe leva a realização *natural* do homem.

Mas não basta que um indivíduo seja bom, inteligente, mesmo santo, poeta e génio, para que seja o «outro». O matrimónio não é uma adição. Assenta, sobretudo, em complementaridade; descobre elementos e grandezas que os outros mal descortinam; nutre-se tanto de realidades evidentes como de potencialidades desconhecidas para toda a gente. É este o segundo factor determinante do encontro verdadeiro a que atrás me referi. Concretiza-se numa certeza íntima de compreensão e de afecto. É uma intuição mútua de complementaridade. É uma exigência de totalidade e de eternidade. É um despertar ordenado de todas as potencialidades do ser.

Para que o conhecimento seja encontro e o afecto seja amor, é preciso que o coração reconheça o «outro». O mistério do amor envolve uma profunda comunhão que não é soma de inteligência, de santidade ou de quaisquer virtudes particulares. Nessa comunhão, é a totalidade da pessoa que entra em jogo. Ela mesma *síntese* e não soma de valores. É nessa síntese que se define a pessoa. E é nessa síntese que o outro a encontra e a ama. A unidade exigida pelo casamento postula de tal modo essa presença total da pessoa que seria mesmo aviltante casar com alguém, em quem não se sentisse uma ressonância total.

Prescindir desses elementos de atracção natural, de profunda e total simpatia, de exclusiva doação, é igualar o amor a uma relação banal entre as pessoas. É nada mais triste do que um mistério feito banal.

Note-se, porém, que no encontro e na escolha a pessoa pode enganar-se. Na prática, pode-se ser levado a julgar o valor objectivo do outro duma forma errada. A isso conduzem, muitas vezes, as circunstâncias, as opiniões que se ouvem, ou a ilusão que o pouco contacto forja. Mas pode-se falhar, também, no domínio da intuição. Porque a complementaridade nunca é total nem a univocidade absoluta, fácil é errar por excesso ou por defeito. Em breve, damos conta que nos enamorámos dum fantasma.

Tais erros são frequentes e são, de certo modo, naturais. Decorrem da terrível coisa que é o pecado original. É por ele que julgamos mal; que involuntária ou voluntariamente nos iludimos; que damos, ao que é humano, carácter de infinito. A visão clara, o recto juízo, a serenidade de critério, a humildade, são algumas das virtudes aqui particularmente indispensáveis.

Diferente coisa é, no entanto, reconhecer as limitações do outro e amá-lo apesar de tudo. O amor não é, então, diminuído. Pode, sim, tornar-se mais exigente. Porque o seu anseio mais profundo é amar sem

reservas e sem limitações. E não tem descanço, enquanto o não conseguir. Desistir, será, então, sempre, sinónimo de conformismo, de afrouxamento, de atitude de «prémio de consolação». O amor verdadeiro é um apelo inesgotável à totalidade — à perfeição maior e mais completa. É aqui, nesta lei natural do amor, que o aperfeiçoamento mútuo dos esposos cristãos encontra a sua razão de ser e o seu fundamento psicológico.

A exigência no amor não se identifica com a esperança de encontrar noivo ou noiva «ideal», no sentido de uma complementaridade total. Tal complementaridade só é possível em Deus. Porque só Ele é o Único absoluto. As criaturas podem ter, umas para as outras, em maior ou menor grau, algo de único; mas nunca atingem a suprema e definitiva perfeição. São, no amor conjugal, símbolo dessa complementaridade total, que só em Deus se realiza; mas símbolo imperfeito. Cada um deve ser para o outro como que o precursor de grandezas maiores — «o que há-de vir depois de mim é mais poderoso do que eu, e eu não sou digno de lhe desatar as sandálias; ele te baptizará no Espírito Santo e em fogo».

O amor só é verdadeiro e ordenado (como ordenada é a harmonia silenciosa das estrelas e a poesia serena das flores), quando cantar a glória de Deus; quando abrir uma perspectiva divina, em todas as vibrações da sua existência humana; quando for encarnação de *sonho*. Só um amor assim vale a pena. Diminuir o sonho para o conformar a uma realidade mesquinha, é trair o amor. E de todos os pecados o mais difficilmente perdoado é o pecado contra a santidade do Amor.

Sendo sonho encarnado, o amor obedece às leis de tudo o que é criado. Para crescer, precisa de ser cultivado. Uma pausa na sua evolução é já uma diminuição. Por isso, ele não pode ficar ingenuamente guardado na preservação duma frescura inicial

que, por ser naturalmente fácil, parece esgotar as tonalidades de que o sentimento se reveste. Tem de procurar, para cada época, a sua fisionomia; para cada nova etapa, uma força maior; para cada sonho, uma mais ampla e firme realidade; para cada facto, uma mais profunda poesia e uma mais exigente e séria espiritualidade.

* * *

O encontro de dois é uma certeza humana, uma ressonância eminentemente pessoal que parece nada ter de comum com o resto do universo. Mas, quando se casam, os dois submetem-se a uma lei, independente e superior a eles.

Até ao casamento, não há uma correspondência mútua absoluta de valores e sentimentos, pensamentos e afectos. A partir da revelação quase intuitiva do encontro, cada um procura identificar-se com o outro. É essa, a lei geral de todo o amor. Esta identificação vai-se tornando cada vez mais intensa até ao casamento. A reciprocidade de acordo, que até aí era apenas tendência — crescente, sem dúvida, mas nunca total — torna-se *absoluta* com o sim do matrimónio. Então, o outro torna-se realmente *único*. Desse momento em diante, tudo é irreversível no tempo. A doação explícita das vontades actualiza duma forma total a tendência à união.

O casamento é fundamentalmente este sim profundo; é esta escolha definitiva; é este risco do compromisso sem retorno. É, sobretudo, «a *promessa de fidelidade ao encontro*».

No momento do casamento, cada um ultrapassa a fase do sentimento e entra na do mistério. Cada um deixa de viver unicamente a lei dum affecto no plano pessoal e, com a mensagem evangélica, integra-se, forçosamente, na lei dum sacramento. Por essa lei, cada um encontra-se ligado ao outro por uma união semelhante à de Cristo com a Sua Igreja e, portanto, à união de

Cristo com cada uma das almas que formam a Igreja. Por isso, a união aparece selada pelo mistério. Mistério, de cuja natureza íntima, pouco podemos entender para além da unidade que Cristo define: «Serão dois numa só carne». (S. Mat., XIX, 5).

Como se realiza esse mistério, essa profunda união que não destrói a individualidade dos dois, antes a afirma, a valoriza, a situa? Talvez o possamos entender, um pouco, quando meditarmos nas palavras do Apóstolo: «Vós, maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja, e por ela se entregou, para a santificar, purificando-a no Baptismo da água pela palavra da vida; para a apresentar a Si mesmo como Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem outro algum defeito semelhante, mas santa e imaculada». (S. Paulo aos Efésios, V, 25).

Correspondendo embora a um apelo natural fortíssimo e figurando o fundo mistério da união de Cristo com os homens, o estado matrimonial sendo uma possibilidade natural não é indispensável para o bem de todo o indivíduo. Pode, outro amor, superar o amor conjugal e sintetizar todas as potencialidades numa união ainda mais profunda com Deus. O estado matrimonial é, porém, indispensável para o bem da espécie e de tal modo que o celibato só tem um valor humano maior quando é preferido por um motivo superior ou, como diz o Evangelho, por causa do reino dos céus.

E é, dessa relação de causa a efeito, entre o estado matrimonial e o bem da espécie, que decorre a hierarquização dos fins do matrimónio.

A participação no poder criador de Deus que, como vimos, é uma das determinantes psicológicas mais fortes da vocação, assume, na instituição matrimonial, o carácter de primeiro fim. Ao ser elevado a sacramento, essa finalidade, pela qual a perpetuação da espécie se assegura e a perfeição natural do homem se remata, perma-

nece, na ordem lógica, no primeiro lugar. Quer isto dizer que a fecundidade é a plenitude do matrimónio e que qualquer dos outros bens lhe está subordinado.

É evidente que a fecundidade, para ser valor humano, tem de ser, antes de mais, uma fecundidade de espírito. É na íntima união espiritual do marido e da mulher que deve assentar a união física, condição fisiológica da fecundidade.

E é, por esse mesmo carácter espiritual, que a informa, que a fecundidade não termina na procriação; antes se aprofunda, alarga e completa na educação dos filhos. Ao dizermos que a fecundidade é o fim primário do matrimónio, queremos, pois, significar que nenhum dos outros bens individuais pode antepor-se à procriação ou à educação dos filhos.

Mas, permitindo uma profunda realização humana, o matrimónio tem, também, como finalidade assegurar a plenitude dessa realização. E fá-lo, primariamente, pela fidelidade.

A fidelidade é a fé no outro. Fé em que ele é caminho, em que ele traz em si valores que são dignos de amor.

Essa fidelidade constitui o suporte racional e a materialização institucional condigna do amor. Supõe a unidade inteira de pensamentos, interesses, afectos. Exige a correspondência em tudo o que é específico do matrimónio, através duma integridade total de doação, que, por via do sacramento, não é só uma atitude de responsabilidade perante Deus, mas uma lealdade absoluta perante o outro. E, para além de tudo, exige uma vivência própria de caridade: marido e mulher devem ser um para o outro ajuda e estímulo, numa vida cristã cada vez mais perfeita. «Esta acção deve visar, sobretudo, a que os cônjuges se auxiliem entre si por uma formação e perfeição interior cada vez melhores, de modo que, na sua união recíproca de vida, progridam cada vez mais na virtude, principalmente na verdadeira caridade para com

Deus e para com o próximo». (Casti Conubii).

É ainda, pela fidelidade ou para a assegurar que cada um procura exaltar, no outro, a dignidade e missão do seu sexo e respeitar a hierarquia que, por essa missão, cada um possui na sociedade familiar.

Um e outro bem — os filhos e a fidelidade — são coroados pelo carácter indissolúvel do vínculo matrimonial. Com efeito, se a união do homem e da mulher é semelhante à união de Cristo com a Igreja, ela é indissolúvel e nenhum poder humano, nem a vontade dos cônjuges, a pode quebrar.

Como sacramento, o matrimónio envolve, ainda, outro aspecto: sendo, os cônjuges, os ministros do sacramento e sendo o matrimónio a concretização duma promessa ao longo do tempo, a graça não se confina a um instante, mas vem aos dois ao longo de toda a sua vida terrena. Cada um dos esposos é, assim, para o outro, canal de graças nas coisas próprias do estado matrimonial.

* * *

Exigindo atitudes tão definidas perante os valores religiosos e humanos, o amor conjugal tem de centrar-se no espírito e viver do espírito. Por isso, pesa tanto na vida familiar a riqueza espiritual que cada um dos dois traz consigo.

Falar em primazia dos valores espirituais não significa, de modo algum, negação dos valores sensíveis. Significa, antes, que eles devem ser hierarquizados numa atitude serena perante a vida e só aceites ou procurados na medida em que são necessários ou convenientes ao bem do espírito. Esta hierarquia dos valores pode criar dificuldades e mesmo dor. Mas, por que há-de o amor, mesmo aquele que é humanamente o mais espontâneo, eliminar *a priori* toda a dor? O maior amor sobre a terra exigiu do Filho dos homens a maior de todas as agônias. E é, neste mistério da dor redentora, que ganha beleza e grandeza toda a ascese do amor conjugal.

Fundação Cuidar o Futuro

«Seja como for, mostre-se sempre exigente para mim; obrigue-me a um trabalho aturado, metódico, árduo pelo qual preciso de passar. Não consinta nunca que a nossa união se estabeleça num plano de vida fácil, numa alegria que possa assentar no esquecimento da nossa vocação profunda.»

J. DE MAILLET — in «Lettres à sa fiancée»

Em busca do Desconhecido...

«La route est belle...»

Esquecidas do cansaço de longos meses de trabalho, de cada obra que foi preciso recomençar tanta vez, olhamos com um entusiasmo novo a estrada diante de nós.

Partimos... o Novo, o Desconhecido chegaram, desdobraram as suas riquezas de paisagens, de costumes, de Arte, de Ciência, de Pensamento, e nós escolhemos um caminho...

E agora os nossos passos vão ficar impressos na poeira da estrada.

Sentimo-nos estranhamente livres, alegres, ávidas de novidades. Mas, às vezes, deixamo-nos arrastar nesse turbilhão: valores, ideias, tradições, tudo parece submergir-se nessa onda de impressões que surgem.

E então quebra-se o sentido de Descoberta, o sentido de Missão que cada Partir implica: os nossos passos vacilaram — deixámos de ser uma Presença; os nossos olhos fecharam-se — já não sabemos ver.

Talvez tivéssemos partido carregadas demais e essa bagagem inútil nos cansasse logo no começo da jornada; talvez não estivéssemos bem seguras do caminho e nos perdéssemos em atalhos; talvez não estivéssemos habituadas a procurar belezas escondidas e os nossos olhos se fechassem, cansados de monotonia.

Essa aventura do Desconhecido ficou a saber-nos a desilusão — esperávamos tanto e não encontramos quase nada!

— E regressámos mais pobres...

«La route est belle...»

É preciso sentir verdadeiramente que a estrada é bela e depois Partir, na simplicidade dum Romeiro.

De longe preparámos a jornada e pensámos naquilo que buscávamos.

Olhámos à nossa volta e penetrámo-nos de verdadeiro sentido de cada coisa: recordámos um Passado, tornámos bem firme cada tradição, procurámos o significado do Presente, afirmámo-nos atentamente fiéis a um ideal.

Depois desembaraçámo-nos de muita coisa que tomara pesados os nossos passos: os comodismos e a indiferença, o espírito estreito de crítica e o desejo burguês do «divertir-se»; a rotina das ideias feitas e o querer fugir a exigências e responsabilidades.

Conscientes, livres, felizes, partimos então de mãos vazias... Porque a Irmã Pobreza há-de ajudar-nos para que possamos apreciar verdadeiramente o valor das coisas. Assim se desconhecerão as facilidades demasiadas que tornariam moroso o nosso caminho, prendendo-nos a mil nada...

Num verdadeiro espírito de Pobreza, de simplicidade, levamos mãos estendidas para receber que depressa teremos cheias, como escreve Olegário Mariano:

«... a criatura feliz, em divina colheita,
Enche as mãos sem querer... (como as
mãos são pequenas!)
De perfume, de sol, de cor, de luz, de
som.»

Partimos... e conosco, para as terras distantes onde nos leva o nosso desejo, vai todo um Passado que se afirma por nós — e somos a mensagem viva dum País.

E agora, cada momento é uma Desco-

berta. Porque o nosso coração, os nossos olhos, a nossa inteligência querem sentir em plenitude esse contacto com novas terras, novas gentes, novos costumes.

Para além da aparência, querem descer à alma de cada povo, ao fundo de cada tradição. No verdadeiro sentido crítico que constroi e valoriza, o nosso espírito há-de captar as características de cada país, aprender o essencial de cada imagem nova, abrir-se às impressões que alargam horizontes e aclaram ideias.

O nosso caminho tem de ser feito num entusiasmo sempre novo.

É preciso saber admirar, vibrando, com a alma de criança que descobre beleza no colorido dum pequenino insecto e se maravilha por ouvir o mar numa concha da praia.

A estrada estende-se igual para todos — e no entanto, depende de nós, só de nós, que ela se torne diferente, rica, fecunda — desde que nos disponhamos a procurar o que se encontra por trás dessa uniformidade, a descobrir o sentido de «le mystérieux rayonnement du sable».

É a oportunidade que passa: a valorização, a exigência que querem afirmar-se.

Cada dia vivido nesse ambiente novo com que sonhámos, nessas terras de longe que nos atraíam, nessas amizades nascentes que nos entusiasmam, tem de ser uma po-

sição que se marca, um testemunho que se dá — um responder plenamente consciente, mas livre e activo, à confiança que depositaram em nós.

Se quisermos escutar, assim, a voz do Desconhecido, voltaremos mais ricas da nossa jornada. Porque, no fundo, saímos do nosso egoísmo, dos nossos problemas — fomos uma mensagem viva, nítida, e assim pudemos aferir os padrões de cada povo e de cada país.

O nosso espírito estava aberto, apto a receber num justo critério de valor, — e ultrapassámos o limite estreito da nossa Faculdade, do nosso País para o elevarmos às dimensões do Mundo.

A nossa mensagem tocou outras mensagens, deu e recebeu — e nessa troca uniram-se extremos, distâncias: o Mundo tornou-se pequeno nesse critério que não reconhece fronteiras nem no tempo, nem no espaço.

É essa a verdadeira Missão de cada Partir:

«Il faut bien tenter de se rejoindre. Il faut bien essayer de communiquer avec quelques uns des ces feux qui brûlent de loin en loin dans la campagne».

(St. Exupéry: «Terre des Hommes»)

Maria Cândida Costa Reis

PROLETARIADO

Ao falar-se, hoje, em proletariado, muitas vezes, se identifica este conceito com o de operariado. Ora, se na ordem dos factos tal identidade frequentemente se verifica, o mesmo não sucede na ordem das definições. Com efeito, enquanto já na Idade Média encontramos uma classe operária com a sua vida e características próprias, o proletariado é uma resultante da rápida industrialização dos últimos cento e cinquenta anos que em nada se identifica com os trabalhadores manuais das épocas anteriores. Operário é todo aquele que realiza um trabalho manual.

Entre o artífice da Idade Média, com a sua oficina e os seus aprendizes, com a sua casa de família e o seu tipo de vida estável, e o proletário da hora actual, há, na verdade, uma distância que, por vezes, se nos afigura quase intransponível.

O proletário surge-nos como o homem sem raízes que vive ao serviço da máquina — está onde ela o chama, faz o que ela lhe exige. Não é, já, a produção das riquezas em função do homem, mas o homem em função da riqueza. E, assim, ele aparece-nos imediatamente, como um diminuído. O trabalho, que lhe deveria ser fonte de aperfeiçoamento, é-lhe, antes, motivo de diminuição na sua liberdade e, portanto, na sua dignidade de homem.

Por outro lado, a desmedida produção das riquezas, que visa unicamente o maior rendimento, esta produção despreocupada da sorte dos que mais directamente produzem, e das próprias necessidades do consu-

mo pois que as vai criar onde elas não existiam, gera a busca do menor custo na produção e do mais alto preço de venda. Daí, a redução dos salários ao mínimo possível. Assim, a deficiente organização do trabalho, que levara primeiro a uma diminuição do trabalhador, no campo da sua liberdade, leva, igualmente, à diminuição nas condições materiais de existência. O salário não lhe permite manter uma família média normal, não lhe proporciona uma habitação, ao menos, razoável.

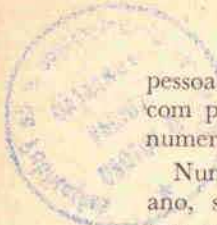
Num estudo feito recentemente no Centro Social do Beato, verificou-se que de 434 famílias daquela zona que, em 1955-56, pediram determinado auxílio a uma empresa da área, 203 vivem em más condições habitacionais, 117 em condições deficientes e 117 em condições razoáveis, o que equivale a:

- Condições razoáveis — $\frac{1}{4}$
- Condições deficientes — $\frac{1}{4}$
- Condições más — $\frac{1}{2}$.

Por más condições, entendem-se barracas em geral, quartos sem janela, número de quartos inferior ao indispensável (pais, filhos e filhas), casa super-lotada (várias famílias).

Por condições deficientes, barracas para casal ou pessoa só, quartos super-lotados (muitas pessoas do mesmo sexo ou crianças muito pequenas), quartos com uma só cama para três ou mais pessoas, quartos com pouca luz e pouco ar.

Por condições razoáveis, quarto para três



peçoas do mesmo sexo ou casal idoso, casa com pelo menos três quartos para famílias numerosas.

Num outro estudo, feito em Março deste ano, sobre aquelas famílias que frequentam o Centro e cuja habitação é dele conhecida, obtiveram-se os seguintes números: famílias em más condições, 131; em condições deficientes, 131; em condições razoáveis, 96.

É evidente que o critério adoptado é bastante elástico e que o que se entendeu por exemplo, por condições razoáveis, está muito abaixo do que por tal se entende num critério corrente.

Isto, numa zona eminentemente operária.

Porque não tem condições, o proletário não cria raízes. Fácilmente, abandona a sua terra, o seu meio. Por isso, também ele procura, no gozo de prazeres ilegítimos, um atordoamento que lhe faça esquecer o cansaço dum dia de trabalho, realizado tantas vezes em péssimos ambientes de temperatura, de arejamento, de iluminação e de ruídos, em posições prejudiciais à saúde, e que as deficientes condições habitacionais e alimentares agravam ainda.

Simultaneamente, a ausência de ambiente familiar, na própria acepção do termo, fá-lo passar na taberna e noutros centros de desmoralização a quase totalidade de tempo livre. (Veja-se a percentagem de tabernas nos bairros operários, nomeadamente no Beato, onde, depois da saída das fábricas, os homens e rapazes de todas as idades se reúnem a beber e a jogar).

Para as mulheres, a situação não é melhor. O pouco tempo que lhes resta, após as horas de trabalho, igualmente estafantes e prestadas em más condições, é quase completamente esgotado pelas ocupações domésticas, o que lhes permite ter, apenas, um número reduzidíssimo de horas de sono. (Estou a encarar a situação tal como ela se desenha na sua generalidade, entre nós).

O ambiente de desmoralização nas oficinas de mulheres é impressionante. O nível das conversas e das atitudes revela uma perda quase total do sentido da própria dignidade. É possível ouvir-se uma operária dizer, com o ar mais natural do mundo, o número de abortos que praticou, sem que isso desperte nas companheiras qualquer reacção. A desmoralização, o excesso de trabalho com o cansaço daí resultante, a sede de divertimentos e o desejo, na maior parte dos casos subconsciente, de imitação da classe burguesa, leva-as à recusa dos encargos da maternidade. Enquanto, por um lado, as ouvimos dizer que não podem ter filhos, porque o que ganham não dá para os sustentar, verificamos que a quase totalidade — e isto não como um cálculo vago, mas como uma constatação de facto — usa fatos de tecidos caros, se pinta, possui rádio e objectos de ouro, frequenta o cinema, o futebol ou outros divertimentos, e faz uma alimentação cara, se bem que pouco racional. Refiro o caso daquelas que têm trabalho certo. Não há, aqui, contradição com o baixo nível dos salários, visto que, nestas famílias, todos trabalham e as despesas para fins de educação e culturais são mínimas ou mesmo nulas.

O nível moral é, por vezes, mais baixo ainda nas oficinas de reparigas muito novas que, desde a entrada, sentimos perfeitamente adaptadas ao meio que se lhes depara.

O mesmo não sucedeu com as gerações mais antigas. Muitas operárias contam que, quando entraram para a fábrica, o ambiente de início, as chocou fortemente, e que fizeram esforços para lhes resistir. Passado algum tempo, porém, a resistência tornava-se impossível e elas acabavam por se fazer iguais a todas as outras. Esta reacção, ao menos inicial desapareceu quase por completo nas gerações mais novas. Também, no que diz respeito à honestidade no trabalho, como tal, não existe uma consciência formada. Cada um procura obter o má-

ximo de salário, esforçando-se o menos possível.

A não se tomarem, na verdade, medidas eficazes, para remediar este estado de coisas, é de crer que ele se irá progressivamente agravando. E, se é certo que só a conquista para a Igreja da massa proletária poderá conduzir à sua salvação, também podemos afirmar, quando a conhecemos de perto, que é quase impossível, se não impossível, falar da sua recristianização, enquanto se lhe não proporcionar condições normais de vida material. Porque as presentes não permitem, senão em casos muito excepcionais, que o operário se volte para os problemas do espírito. Por isso, a religião surge como uma coisa de mulheres e crianças. E, enquanto naquelas se restringe a vagas crenças, muito eivadas de superstição, que em nada informa a vida moral e a vida de cada dia, os rapazes, na sua maior parte, cerca de 90 %, perdem-se para a Igreja, por volta dos 13, 14 anos, não voltando a ser recuperados.

Ao tentar-se, um dia, abordar problemas religiosos, junto de um operário de certa idade, este respondeu: «O menino, isso é bom para as meninas que têm tempo de

pensar nessas coisas. Nós, quando acabamos o dia de trabalho, estamos tão cansados que só pensamos em descansar e em nos divertir. Quando tiver mais tempo, logo pensarei nisso». Esta resposta reflecte uma atitude corrente. Terão, algum dia, tempo para pensar?

Assim, como está ausente da religião, o proletário está-o, também, das outras formas da vida do espírito — ausente da vida social, como elemento consciente e responsável, ausente da cultura. Não há uma cultura operária, não há, entre nós, escolas para formação de operários. As escolas técnicas, frequentadas, apenas, por um número muito restrito, não estão ao alcance da grande massa operária.

Mas, hoje, sobretudo nos países industrialmente mais evoluídos, o operário sabe que foi espoliado de alguma coisa que, de direito, lhe pertence, e exige a sua restituição. Ele quer ser repostos no seu lugar de homem e lutar até consegui-lo. Nesta luta, tomará posição contra ou a favor da Igreja. Isso dependerá, em grande parte, do nosso testemunho de Justiça e de Caridade.

Maria Susana Gaspar de Almeida

«Julgando que somos heróicos, acontece muitas vezes que apenas somos justos. modestamente justos!»

LÉON HARMEL



Escuta, medita e vive . . .

A PALAVRA DA IGREJA

Os Bispos Portugueses da Metrópole e das Ilhas Adjacentes, reunidos em Conferência, depois do seu retiro no Santuário de Fátima, considerando que se comemora este ano o 1.º Jubileu da Consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria, e tendo em conta as dolorosas ruínas causadas nas almas pela febre de paganismo que se traduz na vida por impetuosa indisciplina dos costumes, entende ser grave dever seu chamar veementemente a atenção dos seus diocesanos para as obrigações que a modéstia cristã impõe.

Assunto desta importância merecia ser tratado com desenvolvimento em Carta Pastoral. Como, porém, tal não é possível nesta hora, aproveitam ao menos a sua reunião na Cova da Iria, que a presença de Nossa Senhora, «Mãe puríssima», celestialmente santificou, para, entre outros problemas, analisar a situação moral das suas Dioceses e publicar esta Nota Pastoral.

(...) «Sem respeito pelos supremos direitos de Deus e sem consideração pelos valores sagrados do espírito, entre os quais avultam a santidade da família e a moralidade social, o paganismo não só desconheceu a virtude da pureza, mas foi até à anarquia sacrílega de divinizar o próprio vício.

Cristo, Senhor nosso, abrindo pela palavra e pelo exemplo os novos caminhos da vida, ensinou aos homens de todos os tempos a lição austera da ascese que expia, purifica e redime. Nessa escola de renún-

cia, aprendem os santos a escalar os caminhos de Deus.

Infelizmente — mercê de abdições vergonhosas, nascidas nas profundezas obscuras da natureza gravemente ferida no pecado de origem e continuadas em actos que aviltam e até, por inconcebível inversão de valores, em teorias demolidoras, que incendiam a fantasia, anarquizam o coração e fazem tábua rasa do bem e da virtude — consideram obsoletos e mesmo degradantes os preceitos da moral cristã. Já não se lamentam as quedas como fraquezas da vontade, antes se exaltam como expressão de virilidade e de grandeza. Não só se desconhece o clima heróico da mortificação cristã, mas até se repudia a virtude como pusilânime abdição da vida.

Até católicos parecem perfiilhar, por palavras e por actos, esta mentalidade furiosamente pagã, esquecidos do que devem à sua dignidade humana e à sua sacralidade, adquirida logo no baptismo. Sob muitos aspectos, e principalmente no que respeita a trajos e atitudes, percorrem-se caminhos sombrios de libertação, afinal escravidão funesta, com uma insensibilidade de consciência que arrasta a consequências tenebrosas.

No uso corrente da vida — nas ruas, em reuniões de toda a ordem, mesmo em trabalhos domésticos — há desenvolturas de conversas, de maneiras e de trajos, que necessariamente ferem as consciências delicadas. Os excessos são ainda mais despudora-

dos nas praias, nas termas e em festas elegantes de sociedade.

Não pode esquecer-se o grave atentado contra a moral que constitui a longa permanência na praia, em fato de banho, mais que minguado.

Com frequência, nem a casa de Deus é respeitada. Para muitos não há diferença entre um salão e uma igreja. Nem a inocência das crianças merece sombra de consideração.

Em casa, nas praias, um pouco por toda a parte, até pais com responsabilidades religiosas se permitem liberdades e vestem os seus filhos tão ligeiramente, que necessariamente se cresta cedo a flor do pudor natural e cristão que sempre carinhosamente devia resguardar-se e robustecer-se.

Por muito que se proclamem as belezas do naturalismo, por mais que se grite ser necessário proscrever as complicações e cultivar a simplicidade, a razão e a fé condenam sem remissão tais exageros, como vilipêndio da pessoa humana e profanação do templo de Deus que é a nossa alma.

Consoladoras e terribes as palavras de S. Paulo: «Não sabeis que sois templos de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém violar o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque é santo o templo de Deus que vós sois» (I Cor. VI, 16). E noutros passos: «Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo?» (I Cor. VI, 15). «Porventura não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, que vos foi dado por Deus, e que não pertenceis a vós mesmos?» (I Cor. VI, 19).

Tais palavras servem de comentário à condenação dos escandalosos, mil vezes fulminada por Nosso Senhor: «O filho do homem enviará os seus anjos, que tirarão do seu reino todos os escandalosos e os que praticam a iniquidade» (Mat. XIII, 41). «Ai daquele homem por quem vem o escândalo» (Mat. XIII, 7).

Mais clara ainda a reprovação do Senhor, ao contemplar uma criança que d'Ele a chamamento Seu se aproximava: «Ao que escandalizar um destes pequeninos melhor lhe fora que se lhe atasse ao pescoço pesada mó de moinho e se lançasse ao mar» (Mat. XVIII, 6).


Não há que duvidar; ou se harmoniza a vida com a moral do Evangelho, ou se incorre nas iras do Senhor. Quem não vive a fé é apóstata da fé. A infidelidade ao que se acredita é também infidelidade à própria consciência humana. A mensagem de Nossa Senhora aos pastorinhos de Fátima põe-nos perante a mesma realidade.

Ora um dos pontos da mensagem de Fátima é precisamente o da pureza e o da modéstia. Queixou-se amargamente a Virgem Santíssima da impureza, que tantas almas leva ao Inferno.

Julgar-se-á que ainda não se atingiu aquela série de desmandos que Nossa Senhora inexoravelmente condenou? Convirá recordar a extrema delicadeza e a repulsa total pelas pequenas liberdades que já faziam sofrer os videntes.

A mensagem de Fátima, tão precisa e clara neste ponto, continua nas numerosas e profundas instruções de S. S. o Papa Pio XII, cujas palavras, por sua penetração e actualidade, parecem iluminadas de sabedoria carismática. Dentre os múltiplos documentos de S. Santidade, sobre este assunto, aconselhamos a leitura da encíclica *Fulgens Corona*, da carta que publicou pela S. C. do Concílio, e bem assim de alguns dos muitos discursos dirigidos às mulheres e raparigas cristãs.

Perante o que fica dito, dificilmente poderão considerar-se isentos de pecado mortal aqueles cuja imodéstia constitui grave escândalo ou alucinada provocação. São como fachos de fogo satânico, ateando labaredas de pecado. Nem pode alegar-se, como desculpa, a falta de intenção, nem serve de nada o exemplo alheio, porque a



gravidade do pecado não se define apenas pelas intenções de quem o pratica, mas também pela desordem objectiva dos próprios actos e pelas circunstâncias exteriores do escândalo e mau exemplo. São indignos da absolvição sacramental aqueles que, convencidos da gravidade da sua imodéstia, não oferecem garantia sólida de arrependimento e de emenda, nem sequer fazem a mais leve tentativa para corrigir-se.

Em certos casos, a falta não irá além de pecado venial, mas também este deve evitar-se, porque é obrigação de todos tender à perfeição, a qual exige esforço constante da vontade. Bem sabemos quanto custam as ascensões no caminho áspero da virtude, para mais trilhado num mundo envolto em incêndios de pecado. Mas sabemos que a consideração séria da dignidade humana e o recurso habitual à oração, aos sacramentos e às pequenas mortificações de cada dia, que tonificam a alma, constituem meio eficaz para a escalada vitoriosa no sentido de Deus.

Por isso, tendo em conta as condições dos costumes portugueses, atendendo aos princípios que o Senhor veio ensinar ao mundo, e considerando as graves exortações da mensagem de Fátima e das instruções do Santo Padre Pio XII, de harmonia com os preceitos consagrados pela moral cristã, condenamos, com toda a nossa autoridade:

A imodéstia dos vestidos que, por demasiadamente cingidos pela sua estreiteza, põem em relevo as formas cujo recato a fé e a própria dignidade natural exigem;

A imodéstia dos vestidos de tal maneira reduzidos que quebram a reserva e o respeito com que deve olhar-se um corpo que foi consagrado a Deus no baptismo e que aliciam ao mal;

A imodéstia dos vestidos que, por sua transparência, são causa de ruína espiritual.

Queremos, de modo particular, que a

casa de Deus seja respeitada e constitua assim lição edificante, exemplo público, apelo permanente. Ninguém, ouse profanar os templos, entrando lá com trajos desonestos, ou tomando atitudes irreverentes. As pessoas de sexo feminino terão a cabeça coberta, velados o peito e os braços, usarão meias (se pela sua condição as costumam usar) e evitarão trajes masculinos. Também os homens, em seus trajes e maneiras, observarão a modéstia cristã, que por igual os obriga, e não deverão ser admitidos nas igrejas nem aos sacramentos se se apresentam indevidamente, por exemplo de *shorts*, calções vulgares, ou em mangas de camisa.

E concluimos apelando, com Sua Santidade Pio XII na citada carta da S. C. do Concílio, para os militantes da Acção Católica e associados das obras de piedade, nesta nova cruzada contra costumes pagãos vindos do estrangeiro, e corruptores da inocência e da moralidade. Citamos as próprias palavras do Papa: «os militantes nos exércitos da Acção Católica considerem, também como missão principalíssima, intensificar o trabalho, já começado, neste campo». A Portugal, que ouviu directamente a mensagem de Fátima, cumpre especial obrigação de dar o exemplo.

Esta Nota Pastoral será lida pelos Rvs. Párocos e Capelães em todas as igrejas e capelas nas missas do primeiro domingo depois da sua publicação, e para ela deve chamar-se a atenção dos fiéis, sempre que as circunstâncias o exijam ou aconselhem.

Fátima, 22 de Junho de 1956.

Normas dadas ao Clero para a execução da Nota Pastoral

Os Bispos de Portugal ao publicarem a Nota Pastoral de 22 de Junho próximo passado sobre a modéstia cristã, contam com a colaboração eficaz do clero para a sua execução.

(Continua na pág. 26)

DA «TEORIA» À PRÁTICA



Muitas vezes ouvimos dizer frases como estas: «pois é: coisas bonitas, mas não para realizar» ou então: «isso — em teoria, porque na prática...» ou ainda que «os sonhos, os ideais são próprios da mocidade e passam com o tempo». No fundo, a ideia que querem exprimir os que assim falam é o de que há um divórcio entre a «teoria e a prática».

Não queremos entrar na análise das razões que conduzem a semelhante atitude de espírito que merece entre outros qualificativos este de pouco inteligente.

Hoje move-nos o desejo de mostrar aos descontentes das «teorias» dois testemunhos de «teorias» vividas; um, que reflecte toda a grandeza duma vida directamente consagrada a Deus, outro que é uma experiência profissional.

Por longos caminhos da terra, Abraão segue a vocação do céu. Fé e generosidade não se acabam nele... enquanto há um apelo de Deus... um caminho...

Abraão, Moisés, Davi, Samuel, Elias... e outras vocações notáveis na História do Povo de Deus...

.....

O Evangelho fala-nos de Jesus convidando velhos e novos para O seguirem: «Se queres...»

E pelos tempos fora nunca mais se calou a voz de Deus,
no silêncio das almas,
no impulso violento duma estrada de Damasco...

.....

Hoje, como 2.000 anos antes de Cristo, Deus ordena, chama,
— para quê?
— que quer Deus de mim?
— ?
— ?

— «Como se descobre a vocação religiosa?»

Nenhuma razão ou sentimento determinado é, em si, prova de vocação. Nenhum acontecimento, nenhuma circunstância. Deus, Senhor de todas as coisas, pode servir-se duns e doutros, mesmo até dos nossos defeitos, para nos dizer o que quer de nós. Mas os meios que Ele escolhe combinam-se para cada alma duma maneira única: é segredo de Deus. Ele tem uma palavra para cada uma; para cada uma, um caminho. Casamento? Virgindade no mundo? Vida religiosa? Sempre um apelo de Deus.

É preciso conhecer a Sua voz nos acontecimentos exteriores e na vida interior sem que ela se confunda com aqueles nem com esta. Cada vida é labirinto: importa distinguir o rumo direito das intenções de Deus.

Cada alma é multidão: é preciso calar caprichos e ilusões para saber o que é apelo de Deus. A vocação vem de Deus que, para a fazer conhecer, não espera se-

não talvez o silêncio das coisas e o silêncio das almas.

Para a júcista, estar atenta, à espera, é estar presente nos deveres de estudo e de família, de profissão e de apostolado, inteligentemente ordenados e generosamente cumpridos. O segredo do futuro que toda a rapariga procura arrancar a Deus, está escondido no presente que Ele lhe oferece sem cessar. Um dia, o presente é futuro... Importa dar-se inteira à vocação de cada instante de alma aberta, vazia de si mesma e de todo o sonho pequenino. Alma calada: «Eu quero escutar o que dirá dentro de mim o Senhor Deus» (Ps. 84).

A vida de piedade intensa é indispensável para guardar este silêncio interior, através de todas as ocupações. Meditação, Sacramentos, são sobretudo eles que intensificam a união do homem a Deus e permitem que Ele se revele e chame. É preciso saber ouvir e aceitar de antemão todo o sacrifício e toda a graça com grande generosidade e espírito de Fé, sem tardar: «Se ouvís hoje a Sua voz, livrai-vos de endurecer o vosso coração...» (1^a Co. 2^a).

É preciso estar sempre pronta a ouvir e a seguir todo o apelo de Deus. É preciso pedir sem cessar luz e força para ver e para cumprir. Ter intenção recta de conhecer ao certo a vocação. Viver sempre atenta. Esta atitude bem difícil é ainda favor de Deus, que importa no entanto alcançar por um certo esforço humano: por exemplo, interessa vencer as dificuldades que se opõem ao retiro que é indispensável para guardar o silêncio interior na vida de universitária. E quem sabe mesmo se não será lá que o Senhor quer revelar o seu segredo?

... eu hei-de conduzi-la ao deserto,
e hei-de falar-lhe ao coração...

(Os. II)

No retiro e em toda a sua vida, que a júcista responda sempre como Samuel:

«Falai, Senhor, que o vosso servo escuta.»

Os apóstolos esperaram o Espírito Santo em silêncio, em oração, com Nossa Senhora.

Também para a júcista é Maria a companheira ideal nesta expectativa. E Ela é exemplo: recebendo do anjo a mensagem de Deus, Nossa Senhora deixou a toda a rapariga a lição dum Fiat. Mãe de cada uma, Ela é ainda uma presença para toda a júcista. Porque não Lhe confiar todas as dúvidas e angústias, todas as esperanças, todos os segredos? A Ela que sabe «guardar todas as coisas no seu coração». Por que não ouvir os seus conselhos? Ela conhece bem o seu Filho: sabe ensinar a distinguir a voz de Deus.

A vocação de cada rapariga — guardai-a, ó Mãe, Virgem do Silêncio e de Esperança!

M. J. M.

* * *

Quase três anos depois de acabar o curso, pedem-me um testemunho da minha vida profissional.

Tanto que se sonhou, tão alto que se pôs o ideal — tanta inquietação por partir, por desprender amarras, por ir pela vida, para além do tempo, para além do sonho, para além da própria vida, a realizar o que outros antes de nós não realizaram, a construir o que outros deixaram incompleto ou a reerguer ruínas deixadas por aqueles que puseram a palavra «impossível» no meio do seu caminho, somente porque não souberam ter a coragem de afirmar que aquilo que lhes parecia impossível era apenas grande demais para a sua pequenez, para a sua cobardia, para o seu comodismo, para a sua fé vacilante e morna.

Três anos volvidos... — Onde estão os sonhos que sonhei, onde estão os ideais que viveram em mim, onde o anseio, a inquietação, o rumo tomado depois do cortar de amarras, os ventos, as tempestades, porventura os naufrágios, e aquela «força que me atou ao leme»? — Onde?

Quase três anos volvidos e dois e meio

de vida profissional, a participar de uma obra apaixonante num estabelecimento prisional. A participar desde o primeiro dia em que se ergueu, a vir com as primeiras vinte e cinco reclusas que chegaram, a sentir com elas o desconforto, o frio, aquela sensação de estar perdida e esmagada por sermos tão poucos num edifício tão imenso, por estarmos tão sós num ermo tão inóspito, por termos tanto medo — elas, do castigo que sobre elas pendia, da infâmia que as marcava, do remorso que as torturava, do tormento da saudade de tudo e de todos que ficaram do outro lado da vida... — eu, de não saber compreender, de não ser digna de ter sido chamada a ajudá-las, a entendê-las, a reerguê-las e a ser um testemunho no meio delas daquela Verdade, daquela Justiça e daquele Amor de que andam tão famintas. Culpadas, elas? É certo que os tribunais as condenaram. Os homens que as julgaram acharam-nas criminosas, traçaram delas retratos de seres oqiosos de que a sociedade deve defender-se, para não se contaminar, como se elas fossem leprosas.

E elas (como isto é simples de entender...) se tivessem tido um pouco mais de pão, se tivessem visto à sua volta menos degradação, se alguém, algum dia lhes tivesse repetido, palavra por palavra, o Sermão da Montanha... como teriam sido diferentes!... Nem aquela mãe teria matado dentro de si o filho, se não vivesse na constante preocupação de não ter com que alimentar os que já tinha. Nem aquela outra teria roubado se tivesse podido trabalhar e não tivesse os pulmões desfeitos, nem outra mais além, se teria prostituído se tivesse tido uma casa, pai e mãe como toda a gente, e em vez disso, adolescente ainda, se visse só e com a obrigação de se manter, quer dizer, de subsistir.

Culpadas? Criminosas? Eu, desde esse primeiro dia, dei um sentimento novo e diferente a estas duas palavras e fiz disso o

ponto de partida para o trabalho que ia começar.

E dia após dia, vivi os problemas que surgiam, tentei resolvê-los sem os contornar, nem os iludir, mas de frente e lealmente.

Atirei para este trabalho a lenha dos nervos que queimei — e tudo foi tão intensamente vivido que um ano depois adoecia.

Quando voltei, tinha tido tempo de pensar, de meditar, de elaborar ideias, de hierarquizar valores, de reconhecer que importa menos querer realizar tudo de uma só vez, impetuosamente, do que saber esperar. Esperar implica preparar pacientemente o que há-de vir, confiar contra tudo e contra todos que isso que se espera e por que se espera, há-de vir, e estar sempre tão atento e vigilante que quando chegar a hora, saberemos com uma certeza profundíssima que é aquela e nenhuma outra.

Ouvi, como outros antes de mim terão ouvido e dito por pessoas bem intencionadas e que pretendem ensinar-nos regras fáceis para «singrar na vida» (não sabem que o que importa é ter raízes fundas e mergulhar na terra, e permanecer firme e direita, apesar e para além das dificuldades) que para vencer na vida é necessário usar na luta as mesmas armas daqueles com quem nos temos que medir: se deslealdade — a deslealdade; se mentira — a mentira.

Admiravam-se quando lhes dizia que não importa tanto vencer como lutar o bom combate e, no entanto, estes mesmos, não tolerariam que os desiludisse ou que pudesse deixar de haver coerência entre a afirmação de princípios e a realização deles.

Também um dia, concluem que somos «demasiadamente idealistas», só porque sofremos e reagimos por ver que mesmo as coisas do espírito estão subordinadas a um critério orçamental, como se o orçamento fosse um dogma de fé ou mais do que isto, a razão de crer.

E pior que isto é não sentir os proble-

mas, é adormecer na rotina e entrar nos quadros estabelecidos e na burocracia organizada. É como um pântano — só lodo e lama.

E mais doloroso que isto é querer dar tudo e pedirem-nos que nos deixemos ficar de fora ou quando muito, dentro mas a um canto escondido onde a nossa presença não se faça sentir, nem incomode ninguém.

É doloroso, não porque se confunda esta atitude que nos é imposta de fora com aquele maravilhoso «passar oculto», trabalhar no silêncio, saber que se é apenas a pedra pequenina de um grande edifício, mas que por vontade de Deus, mesmo pequenina, pode ser a pedra angular e o equilíbrio do conjunto, mas porque nos pedem silêncio quando a Verdade foi atraí-

doada, ou que não levantemos problemas para que a paz não seja perturbada, quando precisamente, nós estamos a defender a Paz, mas a Paz que Cristo nos legou:

... A Paz — inquietação

... A Paz — pedra de escândalo

... A Paz — sinal de contradição.

Volto à pergunta que me pus, logo no princípio: onde estão os sonhos e os ideais que sonhei e vivi? Onde?

Onde?!

Se eram grandes são hoje maiores.

Se eram bons são hoje melhores.

Se eram confiantes são hoje certezas.

Se eram ansios, são hoje raízes.

Tires, 21 de Abril de 1956.

Aurora de Oliveira Fonseca

A PALAVRA DA IGREJA

(Continuado da pág. 22)

Na verdade, de pouco valerá o grito de alerta dos Bispos sobre o mesmo problema, se os fiéis não encontrarem nos Párocos, nos Confessores e nos orientadores das suas almas um critério firme e uniforme que os leve ao respeito pelos princípios que a Nota Pastoral veio lembrar.

E assim, para prevenir o grave inconveniente da divergência de critérios na interpretação da doutrina, havemos por bem que:

1) **Em ordem à entrada nos templos e admissão aos sacramentos**, sejam transcritas as normas da Pastoral e afixadas às portas dos mesmos. O seu cumprimento seja urgado prudente, mas firmemente, não só pelos sacerdotes mas ainda pelos encarregados da guarda desses templos.

2) **Em ordem à absolvição sacramental** — De harmonia com a doutrina recordada na Pastoral, não podem os confessores dar a absolvição sacramental àquelas pessoas cujas atitudes são gravemente imódestas,

designadamente a quem, apesar de devidamente esclarecido, persista em se expor desnudamente nos lugares públicos ou frequentados, como nas praias, em fato de banho.

Tais pessoas, além de não merecerem a absolvição sacramental, são indignas de pertencer a quaisquer associações religiosas, designadamente aos organismos da Acção Católica.

3) **Em ordem à direcção espiritual** (no sentido lato de toda a orientação das almas, mesmo no foro externo). Não se limitem os sacerdotes a afastar os fiéis dos desmandos mais graves contra a modéstia, mas inculquem firmemente nas almas a obrigação de evitar os divertimentos perigosos e de escolherem os modelos do seu vestuário entre os que cobrem os braços pelo menos até ao cotovelo e o busto. Lembrem-lhes que, afastarem-se desta norma, embora sem cair em excessos graves, é adoptar atitudes que não estão isentas de culpa venial e por isso incompatíveis com a perfeição cristã.

informa...



- ... Vai realizar-se uma vez mais em **Gemen**, na Westfália (Alemanha), de 6 a 16 de Agosto um **Encontro Internacional de Estudantes Católicos**, patrocinado por «Pax Romana».
- ... de 6 a 9 de Setembro deste ano, realizar-se-á em **Freiburg - im - Breisgau** (Alemanha), o **IV Congresso Internacional dos Farmacêuticos Católicos**. O tema geral a tratar — «Será necessária a Farmácia?» — integra-se num conjunto intitulado «Profissões liberais, necessidades do mundo moderno», que a Federação Internacional dos Farmacêuticos, filiada em «Pax Romana» — MIIC, se propõe estudar em sucessivos encontros. Todos os pedidos de informação referentes a este Congresso podem ser dirigidos ao Secretário Geral daquela Federação: M. Parat — Avenue des Pages, 60 — Le Vésinet, S. O. — França.
- ... Também se realiza em Setembro, de 10 a 16 — como já informámos — o **VII Congresso dos Médicos Católicos**, que terá lugar em **Haia e Nimèque** (Holanda) e se ocupará do tema: «A Medicina e o Direito». Informações detalhadas podem ser pedidas para: Arstsenvereniging - Heerenstraat 35 - Utrecht.
- ... Está igualmente prevista a realização, para este ano, do **II Congresso Internacional dos Juristas Católicos**. Os trabalhos decorrerão de 2 a 4 de Outubro em **Roma e Castel-Gandolfo**, subordinados ao tema geral: «O respeito da pessoa humana na aplicação do direito penal» — tema, que inclui os seguintes aspectos: «A pessoa humana em direito penal»; «O respeito da pessoa humana no processo penal»; «O respeito da pessoa humana na execução da pena». Em audiência especial, os congressistas serão recebidos pelo Santo Padre.
O Secretariado Internacional dos Juristas Católicos (Via della Conciliazione, 4 d — Roma) fornece acerca deste Congresso todas as indicações necessárias.
- ... De 11 a 17 de Agosto realizar-se-á em **Singapura**, sob o patrocínio de «Pax Romana», um **curso internacional de formação para dirigentes**, que agrupará, para o estudo de problemas de interesse comum, representantes de Hong-Kong, Índia, Ceilão, Filipinas, Japão, Paquistão, Sião, Formosa, Coreia, Indochina, Birmânia, Indonésia, Austrália e Nova Zelândia.
- ... A KDSE promove, de 29 de Agosto a 2 de Setembro, em **Bonn**, o **X Congresso Nacional dos Estudantes Católicos Alemães**. Tema a tratar: «A Igreja na Universidade».
- ... São duas, este ano, as «**Case Alpine**» destinadas a raparigas universitárias, que a FUCI organiza em **Itália**. Uma, em **Alba di Fassa**, funciona de 10 de Julho a 30 de Agosto, por turnos de 10 dias (1.100 libras diárias, mais 500 de inscrição). Mais esclarecimentos podem pedir-se para: Direzione Casa Alpina FUCI — Alba di Fassa — Trento. A outra é em **Cogne** e está aberta de 10 de Julho a 31 de Agosto (1000 libras diárias, mais inscrição). Dá informações: Ângela Gazzaniga — Piazza Carmine, 6 — Pavia.
- ... O **Campo Internacional da AUCAM** (organização associada ao Subsecretariado Missionário de «Pax Romana») teve lugar de 1 a 15 de Agosto, no Castelo de **Hollenfels** (Luxemburgo). «Os problemas do estudante estrangeiro» — foi o tema estudado.
- ... Vai realizar-se em **Bakkum** (Holanda), em Outubro deste ano, mais um **Encontro Regional** promovido pelo Subsecretariado de Formação e Acção Sociais de «Pax Romana». Os seus participantes ocupar-se-ão do tema: «As modificações sociais entre as classes da sociedade».

... De 12 a 19 de Janeiro passado, teve lugar em Lima (Peru) um encontro regional para Bolívia, Chile, Equador e Peru, de membros das respectivas Federações de estudantes, filiados em «Pax Romana», que estudaram, em conjunto, «A incorporação do estudante na vida da Universidade».

... A FUCI informou-nos acerca dos seus projectos de realização das reuniões formativas e assembleias regionais que costuma levar a efeito, a seguir à Páscoa, em diversas localidades da Itália. Para este ano, o programa das primeiras compreendeu os temas seguintes: «A educação cristã do sentido de comunidades»; «Profissão e vida espiritual»; «O Espírito Santo na vida intelectual». Durante as segundas, estudou-se: «Liberdade e autoridade no Estado italiano»; «A formação do intelectual, na vida italiana de hoje»; «A profissão como serviço da sociedade».

... Os grupos de estudantes católicos dos Colégios Universitários de Kartum (Sudão), Ibadan (Nigéria), Kampala (Uganda) e Costa do Ouro, pediram recentemente a sua filiação em «Pax Romana» — MIEC. Gradualmente, o nosso Movimento internacional penetra assim no ambiente universitário africano e vai dilatando o âmbito já tão vasto da sua acção em prol do alargamento do Reino de Cristo.

... Ao mesmo tempo, cada vez mais se intensifica, em todos os continentes, a acção das Federações da «Pax Romana». Na Ásia, por exemplo, a «All India Catholic University Federation» (AICUF) realizou-se em Bangalore,

de 18 a 20 de Maio, o seu II Congresso Nacional; e, na Nova Zelândia, a «University Catholic Society» também levou a efeito, este ano, em Auckland, mais um Congresso universitário.

Talvez não saibas que ...

... No Congresso Internacional promovido pela Federação Mundial das Juventudes Femininas Católicas (FMJFC), e realizado em Roma de 2 a 9 de Abril passado, para estudar o tema «Vida espiritual num mundo dominado pela técnica», participaram cerca de 1500 raparigas católicas de todo o mundo. Entre elas, contava-se uma numerosa delegação de representantes dos organismos especializados da JCF. portuguesa, incluindo um número apreciável de jucistas.

Durante os trabalhos do Congresso, a Presidente Nacional da JCF. — Maria Gertrudes Murteira — foi eleita para fazer parte da Comissão Executiva daquela organização internacional.

... Segundo informa o Anuário da Federação das Universidades Católicas, referente a 1954, há no mundo 42 Universidades Católicas, assim distribuídas: na Bélgica, uma; na Espanha, uma; na França, cinco; na Holanda, uma; na Irlanda, uma; na Itália, cinco; na Polónia, uma; nas Filipinas, uma; no Japão, uma; no Líbano, uma; no Canadá, três; nos Estados Unidos, treze; no Brasil, três; no Chile, duas; na Colômbia, duas; no Peru, uma. A frequência total é de cerca de 154.000 alunos (números redondos).

NO MUNDO DO CINEMA

Toda a gente é capaz de afirmar que o cinema é um meio de expressão artística. Mas, numa altura em que as chamadas «elites», intelectuais e outras, se separaram da arte, ao fim de um longo processo de dissociação cultural, que sentido têm essas palavras? E, no entanto, terei de insistir nesse «lugar comum», pois, paradoxalmente, é porque o não realiza que o universitário se revela um espectador tão maleável e superficial como qualquer outra camada social, sem milhares de páginas lidas nem frases feitas sobre a natureza artística do cinema¹.

Frases como «gostei do filme; se é bom, ou não, no aspecto artístico, isso não sei»; ou «não gostei dos *Ladros de bicicletas* porque, durante todo o filme, não sucede nada» ou ainda «pode não ser profundo, nem ter significado, mas era muito bem feito: gostei»... podem ser ouvidas nos corredores das faculdades, em qualquer conversa.

Na realidade, o comum dos espectadores e, nomeadamente, os universitários,

1.º — considera fundamental, num filme, a «história», «o que lá sucede» e é sobre o plano *anedótico* que o critica; logicamente, para ele, os valores artísticos são qualquer coisa que se vem juntar —, um embelezamento, uma perfeição maior nos processos usados — e se destina, sobretudo, aos entendidos;

2.º — consequentemente, «a parte artística» será um jogo formal, puramente abstracto, que em nada altera, substancialmen-

te, o filme: as formas artísticas, em si, «não querem dizer nada».

Ora é exactamente o conjunto destas confusões que, enquadrado numa cultura defeituosa, gera os maiores vícios na percepção dum filme. Saber como na realidade as coisas se passam no cinema² será, portanto, básico para definirmos, com precisão, a orientação de uma educação gradual através da adolescência.

Referia-me, na primeira parte, a certos fenómenos colectivos que o cinema desencandeava; certas deformações ou taras que poderiam tomar aspectos monstruosos: o processo de identificação do espectador com a tela e os «mitos»; a passividade do público, terreno ideal para lhe fazer engulir todas as drogas que os comerciantes lhe quiserem ministrar, etc. Sempre, no fundo, a ingestão do falso por verdadeiro. Lej inexorável do cinema: *quaisquer imagens, seja qual for a sua autenticidade real, tendem sempre a surgir na mente do espectador com um cunho de autenticidade* ou, na frase de Bazin, «sob o *alibi* falacioso da realidade». Avançou-se já, hoje, notavelmente, no estudo desse espantoso fenómeno de *crença*, da adesão do espírito às imagens *independentemente da sua verdade intrínseca*, fenómeno que reside, (ao contrário do que pensa grande parte dos moralistas) sobretudo, no plano *espectatorial* onde teremos de vir encontrar as suas consequências *culturais e morais* e, portanto, também a maneira de as combater. É pois, apenas, por um processo psicológico subconsciente que o cinema

comercial surge como verdadeiro e realista, e daí as deformações e mitos que comunica às multidões que o frequentam. Na realidade, porém, este «realismo» é puramente ilusório: o mundo exterior (afilmico) não é tecnicamente reproduzível num écran que o mutila, o achata, o fragmenta. Dará totalmente, dele uma imagem convencional, empobrecida, falsa, como em qualquer outra arte, a cópia do real não é possível: não poderá passar de uma pura ilusão que só «pegará» em espíritos pouco esclarecidos.

Uma conclusão parece, pois, evidente, desde já: um *realismo* — ou o mesmo é dizer, a verdade — *só é possível em cinema, se as imagens captadas no mundo exterior forem superadas, transformadas artisticamente*. Parece, agora, que a expressão artística não é tão secundária como parece, pois *só ela pode transformar* um filme, que em si é inerte e portanto falso, naquela forma de expressão que soube «transportar para o écran o curso da vida humana»³.

A «parte» artística do cinema não pode ser, portanto, uma «parte» mas a constante presença de quaisquer valores subjacentes às imagens constituintes delas mesmas, sem cuja leitura se perderá, irremediavelmente, o essencial do próprio filme. Objectar-se-á que há muitos espectadores que não têm formação artística e, no entanto, percebem e apreciam, perfeitamente, o cinema. Independentemente de nada nos indicar qual o nível dessa compreensão, tal objecção revela dissociação dos dois elementos constituintes do filme, simultaneamente arte e linguagem. A evolução do cinema é a evolução, interdependente desses dois elementos: por um lado, a articulação de várias representações dos objectos por forma a obter uma ideia, constitui afinal a formação de frases, que criam e se regem por semântica e sintaxe próprias; mas, simultaneamente essas representações encadeadas *criam* um tempo e um espaço insólitos onde esses objectos representados «se ultrapassam», perdem, objectivamente, as suas propriedades anteriores

para se tornarem símbolos, portadores de um significado de que passam a ser inseparáveis. Se tal simultaneidade se não realiza ou, por outras palavras, se a criação artística se não dá, dissociando o complexo, a própria linguagem perde qualquer verdade interna. Esta constatação, desde o nascimento do cinema verificada historicamente, baseia, por exemplo, a exigência de qualidades artísticas para os próprios documentários, em que ainda, recentemente, Pio XII insistia⁴. Sai fora do âmbito deste estudo a análise dos processos sintáticos e artísticos do cinema; apenas nos basta deixar suficientemente clara a noção de que qualquer meio usado na elaboração de um filme válido é sempre ambivalente: o desenrolar de uma intriga, a escolha e interpretação dos actores. A disposição dos objectos na cena, a iluminação ou a nitidez, e, basicamente, a composição dinâmica nos vários planos e o ritmo obtido pela montagem, têm, sempre, indissociadas, duas funções: representar um objecto, ou uma sucessão de objectos e carregá-los dum tal tonalidade que os torna símbolos.

Cheganos à conclusão de que uma imagem não é *simples*: pelo contrário, revela-se-nos com uma espessura, resultado de sucessivas camadas, «transparentes umas sobre as outras», cujo resultado é a projecção no *écran*. A camada mais aparente, que, por isso mesmo, nos parece exclusiva, é assim uma camada *representativa* (através dela, eu posso dizer e contar que, naquele filme, uma rapariga se senta moendo o café, estende a perna para fechar a porta e começa a chorar⁵. Mas o realizador teria, pelo menos, mil formas distintas de mostrar essa cena — fraccionando-a ou mostrando-a num só longo plano fixo; num ambiente intensamente iluminado ou não; passando-se tudo lento ou rapidamente, etc., etc. — e poderíamos verificar, depois, que os mesmos factos, provocariam, em nós, uma emoção muito diferente num e noutros casos. Os valores artísticos, que se agrupam numa «segunda» camada, a que convencionamos chamar

criativa, organizam os elementos *representativos*, atribuindo-lhes um significado novo — *transfigurando-os* — refazendo-se, assim, a síntese que uma obra de arte sempre constituiu.

Para o problema que nos preocupa, saber com exactidão como se passa o fenómeno filmico, é fundamental, para determinar as bases de uma educação. Desde já, com efeito, se torna evidente que preparar jovens para compreender uma simples linguagem portadora de ideias, ou uma arte transmissora de uma vivência, será, em qualquer dos casos, diferente de uma preparação para um complexo arte — linguagem, em que a segunda tende a esconder a primeira provocando uma desintegração à qual a riqueza interna da obra não poderá nunca resistir.

Num trabalho notável⁶, o Prof. Fulchignoni afirmava: «no cinema, a significação não é distinta da coisa significada; o cinema é significativo em si mesmo, i. é., imediatamente. O processo de apreensão do filme — na sua linguagem indutiva — aproximar-se-á, então, de um método, fenomenológico, apreendendo, na sua realidade, os fenómenos de que o *écran* nos faz participantes, não através de um processo predominantemente lógico e dedutivo, mas de uma participação vivencial do referido tipo fenomenológico, como escreve F. G. Lavrador, a narrativa, na mente do cineasta, é pensada já em *imagens criativas*: não bastará perceber o que umas imagens contam, mas apreendê-las na sua totalidade: cada fenómeno filmico é um microcosmos, onde tal narração se desenrola; terá, pois, de se apanhar todo o complexo (arte-linguagem — forma-conteúdo) em cada imagem, sob pena de se não perceber um filme que tenha verdadeira qualidade. Ora, se recordamos as condições espectatoriais analisadas na 1.^a parte e as localizarmos num adolescente através das suas sucessivas adolescências, não podemos deixar de pensar, em como o fenómeno filmico o ultrapassa, deixando nele, apenas, o pior resíduo — a crosta das ima-

gens — e a semente de uma preguiça ou estupefaciente mental que não mais o abandonará pela vida fora. Ao mesmo tempo, se pode ver qual a urgência de empreender uma iniciação cinematográfica sistemática e a dificuldade de o fazer, dum modo eficaz.

Do que atrás ficou dito, creio poder concluir, agora, alguns princípios que devem informar um educador «aberto» ao problema do cinema:

1) Só o encontro do processo artístico, e na medida da sua profundidade, pode dar a percepção da autenticidade de um filme. A ausência desse elemento ou a sua não-compreensão acarretam fatalmente, nas condições de crença, passividade, etc., do jovem espectador, uma deformação mental, que incapacita uma distinção entre verdade e mitos, moral e imoralidade. Por sua vez, o encontro desse processo artístico não se faz através de esquemas lógicos, mas, predominantemente, através de uma vivência das imagens em toda a sua polivalência e mistério: processo fenomenológico.

2) Terá esse processo de atingir, simultaneamente, três objectivos, sem, no entanto, os deixar dissociar⁷.

— *Saber ver* (ou perceber a camada representativa com exactidão) o que, na primeira fase da adolescência, a própria evolução psicológica, a prática relativa de ver cinema, etc., praticamente consegue (experiências feitas revelam que praticamente, a partir dos 12 anos, as crianças de meios medianamente evoluídos percebem o desenrolar da história e as várias peripécias — o educador terá, no entanto, de corrigir naturais falhas).

— *Saber reconhecer os elementos criativos*; o que deverá ser feito no quadro duma educação artístico-literária normal e constitui o objecto de uma educação cinematográfica específica, aliás dificultada por a arte ser, ainda, na actual formação dos liceus e escolas uma coisa inútil, senão um *tabù*. Saber como se faz um filme, os meios

de que o realizador se serve, o papel relativo dos actores; dar um critério de apreciação do cinema, eis alguns pontos, ao acaso, que essa educação compreenderia.

— *Saber fazer a síntese*; isto é «ler» o filme e apreciá-lo humanamente, consequência dos dois objectivos anteriores, é o mais difícil e delicado resultado a obter. Ensino predominantemente prático e a longo prazo, depende, em grande parte, da sensibilidade e cultura do educador ou educadora e do material à disposição (filmes, aparelhagem, elementos bibliográficos sobre cada filme, que permitam uma preparação segura, etc.).

3) Todo esse esforço educativo visa, como é evidente, no fundo, a criar *espectadores conscientes*. Desenvolver-lhe a imaginação, levando simultaneamente o adolescente a perceber o que está por detrás das imagens, significa prepará-lo, habituá-lo a estar vigilante, a ter o espírito a trabalhar activamente, durante a projecção de qualquer filme, julgá-lo à luz dos dados que vai possuindo. Ora essa *consciência* que procuramos obter implicará uma independência do *eu*; portanto, um afastamento dos aspectos negativos do fenómeno de *identificação* com o mundo da tela. Por outro lado, acarreta logicamente a eliminação do que há de perigoso na tão falada *passividade* dos espectadores. A educação cinematográfica revela-se, assim, como o único meio capaz de atacar os tais «males do cinema» pela raiz, sem trancar, no espírito dos jovens, um dos mais ricos depósitos da cultura do nosso tempo: a de que o cinema tem sido a via. Grande parte dos perigos morais encontra-se, assim, atingido em cheio, na medida em que o jovem progressivamente, se armar, culturalmente e vá sabendo escolher os próprios filmes: em breve, saberá criticar e ultrapassar, por ex., a camada representativa (que tem sido, até aqui, quase o único objecto dos censores, revelando, muitas vezes, o mais tacanho formalismo moral na mutilação de obras de arte, lado a lado com a escandalosa liberdade de que gozam os fil-

mes comerciais, portadores das piores mitologias ou da mais clara amoralidade).

Fazemos, hoje, ao ensino secundário, acusações de grande gravidade: ao falar dos programas de ensino, do espírito de certos sectores do corpo docente, dos processos pedagógicos, constatamos que o liceu ou a escola não conseguem inculcar mais do que uma cultura morta, de que todos conhecemos — até por experiência — as profundas repercussões na nossa juventude: insensibilidade humana, falta de visão de conjunto, fórmulas separadas da vida... Numa altura, em que, através da descoberta do papel da vontade numa pedagogia, nos parece que a formação cultural ou irá constituindo parte integrante da vida tornando-se nossa *experiência*, ou não terá sentido, o ensino secundário fica seriamente posto em causa, por não resultar vital, não tender a formar uma síntese, a dar um sentido à existência. Ao lado deste ensino, que se apresenta como estanque e absorve quase desumanamente o dia a dia dum adolescente, ele procura uma *outra* vida, que as suas horas de estudo *não informam* e ele vive sozinho, numa aventura de escape às pressões que o rodeiam cujo sentido ele não sente. Nesta «libertação», ele amará, sobretudo, essa sala que não reconhece como escura, pois lhe deve a abertura dum mundo vivo, aventureiro, sem fronteiras. Mas, nessa «libertação» incontrolada, acaba, também de escapar aos últimos vestígios de controle dos seus educadores e de esquecer o que eles lhe comunicam.

Uma dupla conclusão salta à vista: o cinema é para um jovem, hoje em dia, um antídoto à educação formal e «massuda» a que os pais e educadores o submetem — mas, ao mesmo tempo, por ser incapaz da compreensão dos valores dum filme revela-se capaz de uma «sabotagem» do que há, ainda, de positivo nessa educação. Ora, nesta altura, os educadores — que, no entanto, são capazes de passar a vida no cinema —

constantam a sua impotência e dizem: a culpa é do cinema.

Dissemos que a arte cinematográfica é portadora de valores fundamentais da cultura do nosso tempo; através das suas obras mais representativas, pode-se, hoje, falar de um *humanismo cinematográfico*. É fundamental, tomarmos consciência de que esse humanismo revela as realidades sociais, morais, espirituais, não no abstracto, mas na própria vida, encarnadas, experienciadas; que dá da vida quotidiana, do cosmos, imagens de uma dimensão dramática, de extraordinário poder. Com efeito, aqueles valores, de que nos falaram, em distantes fórmulas abstractas — o Belo, o Bom, o Amor, o Verdadeiro por exemplo — libertam-se ou são destruídos no seio da própria vida, transposta artisticamente no écran: «destes dias tumultuosos», opondo-se a fáceis ideias estereotipadas, vive no écran um humanismo trágico, onde o sofrimento se não esconde. Humanismo cinematográfico equivale ao contacto com uma realidade profunda, avassaladora, cujas dimensões vamos descobrindo até às mais íntimas zonas do sagrado. Testemunho do homem, testemunho duma dimensão hoje perdida: a dimensão poética, perdida para a educação e para a vida. Terá alguma base objectiva, será mais tolerável que para a educação secundária o cinema, — esse cinema que absorve horas de milhares de jovens que no entanto, permanecem insensíveis aos seus mais autênticos valores — continui permanecendo um *tabú*?

No ensino, o cinema virá a ter um lugar, lado a lado com a Literatura, a História ou a Filosofia. Argumentos como «os programas já sobrecarregados» ou «dar-se importância a uma arte inferior», não podem adiar mais, e negativamente, a solução do problema. É claro que terá de fazer-se experiências: nuns casos, começar-se-á pelas sessões comentadas e discutidas; noutros, será possível a organização do cine-clube escolar; noutros, os problemas do cinema virão servir de tema

de conversa nas próprias aulas. A experiência de H. Agel e dos seus colegas no Liceu Voltaire, com o maior êxito, faz-se em três planos:

a) *ensino visual*, «vendo e falando dos filmes», em sessões regulares, metódicas, onde o ensinando será levado a discutir o que viu, relacionando os processos usados na criação, sob a vigilância do professor-animador.

b) *ensino co-lateral* — que iniciará nos problemas do filme, nos filmes que estejam em exibição, dando elementos aos alunos para os julgarem. Pode-se recorrer a palestras, conversas, cartazes e vitrinas, informação aos pais para orientarem os filhos, etc.

c) *integração na cultura geral* — que tende a enquadrar os resultados do cinema no conjunto da busca humana, em todos os outros sectores. O cinema deixará de ser um compartimento estanque «para esquecer». Debates nas aulas, comparações, por exemplo, com a Literatura. Trabalhos escolares, tais como relações, etc., sobre o filme visto; enfim, mil processos que variarão de educador para educador.

Não se poderá esperar que uma reforma do ensino traga a solução para esta acção: será, sempre, necessário uma primeira etapa de *vocações*, em que o entusiasmo, a compreensão da grandeza e repercussão deste trabalho, a vontade de acertar, serão muito mais necessários: e só a esperança de encontrar quem queira começar, justifica a síntese de leituras que, neste trabalho, tentei.

Mas, contra as limitações técnicas, económicas e pedagógicas do nosso meio, as boas vontades de alguns professores mais esclarecidos e menos rotineiros, e alunos mais abertos e iniciados culturalmente, morrerão fatalmente. A integração do cinema na cultura secundária é um problema à escala nacional, sem cuja compreensão qualquer Lei de Cinema para Menores não passará nunca de um paliativo: nessa campanha, o Estado ou organizações nacionais terão de ter uma visão de conjunto do problema — cur-

so de formação de professores, facultar aparelhagem e filmes, etc. — são bases imprescindíveis. E, aqui aparece com maior urgência, quando no nosso país estamos em zero, a criação dum Centro de Estudos Filmológicos, onde cineastas e pedagogos elaborassem, em bases científicas, os planos de estudo.

Todo este trabalho exige, dos professores, um interesse pelo cinema, que não fez parte da sua formação — e os mais esclarecidos encontrarão, dos colegas, dos superiores, dos estranhos, a dúvida ou a oposição. Da sua coragem, um gravíssimo problema nacional está suspenso. Podemos encontrar, já, alguns sintomas: um professor ousou tratar o problema num discurso de abertura dum Liceu de Lisboa; grupos de estudantes aparecem a tomar iniciativas; os cine-clubes fazem, com êxito, experiências, neste campo, projectando-se um Encontro Católico sobre problemas de cinema e este será um dos principais pontos a abordar nele. Mas uma preocupação permanece central: se a vastidão do campo de acção faz transbordar o problema de quaisquer soluções individuais,

só a experiência corajosa dos que rompem o imobilismo da educação a pode abrir, para novos horizontes: aqueles horizontes que se abrem dentro de um rectângulo.

Nuno Portas

BIBLIOGRAFIA DE INICIAÇÃO PARA EDUCADORES:

1. Entre as muitas obras publicadas, poder-se-á encontrar elementos para uma formação séria e mesmo material pedagógico para organização de sessões, debates, etc., num livro capital, elaborado com verdadeiro critério científico:

— *Le Cinéma*. Henri Agel, Casterman, 55.

— *Cinéma et Jeunesse*. R. P. Lunders, Ed. Universitaires, Louvain.

2. Grande parte do trabalho feito encontra-se, no entanto, em revistas, agora acessíveis na Biblioteca da Cinemateca Nacional. Vale a pena estudar relatos, tests e outras experiências filmológicas, nos trabalhos publicados, sobretudo nas revistas:

— *Revue Internationale de Filmologie*, Paris.

— *Bianco e Nero*, Roma.

3. Sobre a Organização prática da educação cinematográfica no ensino liceal, encontram-se reunidos trabalhos notáveis em dois números especiais de

Educateurs, Paris, n.º 26 e 37.

¹ Foi vulgar, em localidades da província, a aceitação de filmes como os da escola neo-realista italiana ter partido das camadas operárias e de funcionários não qualificados, enquanto os universitários, etc., lhes permaneciam insensíveis.

² «No cinema» é uma expressão genérica e imprecisa. De facto, podem encontrar-se sete planos distintos do universo fílmico, dos quais nos interessam, neste trabalho, principalmente, três: a «realidade afílmica», isto é, todo o mundo exterior que permanece estranho ao filme; a «filmofania», isto é, tudo quanto se passa e diz respeito à projecção do filme; o «plano espectadorial», que compreende todos os fenómenos físicos, psicológicos, culturais e morais que se desenrolam no espectador durante e por causa da filmofania. Parecendo, talvez, inútil erudição, a consideração destas distinções evita muitas noções confusas.

³ Pio XII, no seu notável discurso de Novembro de 1955.

⁴ Quando, pelo próprio nome, se deviam exigir apenas «documentos», verifica-se que, para

que as imagens o possam ser sem equívoco, tem de estar presente a criação artística.

⁵ Faço alusão a uma das sequências mais ricas de toda a história do cinema: Maria Pia Casilho, em UMBERTO D, Vit. de Sica.

⁶ Bianco e Nero, ano X n.º 12, citado por F. Gonçalves-Lavrador.

⁷ Aliás, a separação é legítima: estudos psicológicos experimentais realizados com bases científicas revelam «que o que é especificamente fácil no cinema é o esquema, o esqueleto central da história, pois a compreensão da utilização simbólica do tempo e do espaço (que, no entanto, é básica na criação cinematográfica) se revela, pelo contrário, especificamente difícil. (Bianca Zarro). «Desde que o tempo e o espaço já não estão ligados a uma situação concreta, para serem simbolizações, a dificuldade surge. Não basta perceber para compreender; mas mais, ainda, se torna necessário, libertar-se, afastar-se da representação concreta das imagens para compreender a significação do artifício» (F. G. Lavrador in «Justificação estética do Cinema» em publicação na revista «Visor»).



VITRAL

*Deixa que Deus se levante a horas mortas e venha para o teu quarto espri-
tar a manhã.*

Abre-lhe a porta mais larga (e dá-lhe o banquinho mais fofo.)

É essa a sua hora ...

*Debruçado sobre a tua varanda, Deus gosta de estar. Mergulha os olhos na
amplidão do seu campo e escuta*

É a hora da Sua esperança ...

E tu? Tu fecha a luz.

..... **Fundação Cuidar o Futuro**

Deixa que a escuridão vos torne mais perto.

Abre o teu ser à Sua Presença e fecha os olhos.

Vai nascer-te nas veias

a primavera e crescer outra seiva.

Deus vigia e está.

.....
.....

E tu? Deixa que o Sol te amadureça

e por ti,

amadureça o reino ...

Maria Luísa Guerra



PRESENÇA ARTÍSTICA

Queres marcar uma presença de bom gosto?

Ao fecharem as aulas, leva contigo um rolo de películas, alguma sensibilidade para vibrar em contacto com a beleza do mundo que te rodeia, e um mínimo de técnica.

Poderás assim aproveitar as tuas férias fotografando ângulos novos de quanto os teus olhos se habituaram a ver todos os dias, ou descobrindo o trecho que se te oferece com o alvoroço de um primeiro encontro.

«Presença» abre hoje, entre as universitárias, um grande Concurso de Fotografia Artística.

Prepara-te para ele, e comunica o teu entusiasmo as raparigas da tua Faculdade.

Até 15 de Outubro deverão ser enviados ao Serviço de Arte, da Direcção Geral da J.U.C.F. — Av. Duque de Loulé, 90, r/c-D — Lisboa, os trabalhos fotográficos em ampliação de 9×12, papel veludo, a preto, sem margem; firmados por um pseudónimo e acompanhados de um envelope fechado contendo o nome completo, morada e Faculdade que frequenta a concorrente.

Todos os trabalhos recebidos, se o número e a qualidade assim o justificarem, serão expostos publicamente, após a classificação dos 3 primeiros premiados.

Rapariga portuguesa, não deixes perder esta ocasião de marcar uma presença universitária na Arte.

Despreza o «bonitinho», o convencional. Queremos fotografias dignas da nossa mocidade e dos nossos ideais fortes.



Fundação Cuidar o Futuro

Fundação Cuidar o Futuro